

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VITOR HUGO PEREIRA DE MELO DA COSTA

**VIDA, FORMAÇÃO ACADÊMICA E MEDIAÇÃO ESCOLAR:  
Experiências que se entrelaçam para a construção da Identidade Docente**

Manaus - Amazonas  
**2023**

VITOR HUGO PEREIRA DE MELO DA COSTA

**VIDA, FORMAÇÃO ACADÊMICA E MEDIAÇÃO ESCOLAR:  
Experiências que se entrelaçam para a construção da Identidade Docente**

Monografia apresenta à Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia sob orientação para obtenção de nota de avaliação da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica – TCC II.

Professora Orientadora: Dra. Andrezza Belota Lopes Machado

Manaus - Amazonas  
**2023**

## **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

V845vv Costa, Vitor Hugo Pereira de Melo da  
Vida, Formação Acadêmica e Mediação Escolar :  
Experiências que se entrelaçam para a construção da  
Identidade Docente / Vitor Hugo Pereira de Melo da  
Costa. Manaus : [s.n], 2023.  
70 f. ; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Andrezza Belota Lopes Machado

1. Mediação Escolar. 2. Pesquisa Autobiográfica. 3.  
Formação de Professores. 4. Identidade Docente. 5.  
Educação Inclusiva. I. Andrezza Belota Lopes Machado  
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III.  
Vida, Formação Acadêmica e Mediação Escolar

VITOR HUGO PEREIRA DE MELO DA COSTA

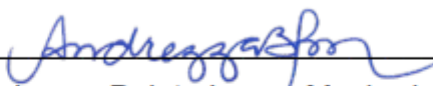
**VIDA, FORMAÇÃO ACADÊMICA E MEDIAÇÃO ESCOLAR:  
Experiências que se entrelaçam para a construção da Identidade Docente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**Orientador (a):** Dra. Andrezza Belota Lopes Machado.

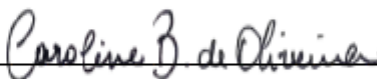
Aprovado em: 25 / 08 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



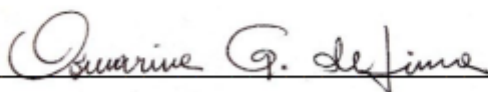
---

Profa. Dra. Andrezza Belota Lopes Machado, Orientadora.  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



---

Profa. Dra. Caroline Barroncas de Oliveira.  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



---

Profa. Dra. Osmarina Guimarães de Lima.  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meus pais, Senhor Júlio e dona Cleide, por terem me dado a benção da vida e proporcionado tudo que uma criança, adolescente e jovem precisa para viver e ter a oportunidade de trilhar seu próprio caminho. Também agradeço pelo suporte moral, emocional e espiritual que me deram no decorrer da minha caminhada acadêmica, que mesmo à distância, ainda se fez presencialmente todos os dias.

À minha esposa e amiga, Pedagoga Bruna, que demonstrou ser uma exímia companheira nos momentos de dificuldades diários, que vão além do campo acadêmico e profissional, oferecendo sempre um suporte espetacular e se tornando um dos meus portos seguros nos momentos de aflições.

Ao meu irmão mais velho, Júlio, e a minha irmã mais nova, Ana Júlia, com quem dividi importantes momentos da juventude e me ensinaram considerável lições e o valor da amizade.

A minha segunda família, dona Márcia e seu Osman, que me acolheram como um filho sem pedir nada em troca.

À Universidade do Estado do Amazonas, juntamente aos professores que passaram por minha jornada acadêmica, por suas expertises, dedicação e comprometimento em promover um ambiente de aprendizado transformador.

À minha professora orientadora, Andrezza Belota, também expresse minha mais sincera gratidão que me ajudou através de sua orientação perspicaz, apoio incansável e comprometimento em me guiar ao longo do processo.

À minhas amigas do curso de Pedagogia, Cristiene e Juliana Coutinho, que ampliaram a minha concepção sobre a importância da coletividade e da ajuda ao próximo nos momentos difíceis.

Aos meus amigos de Brasília, que estiveram comigo na minha juventude e continuam oferecendo apoio emocional mesmo à distância.

Ao Doutor Wagner, que demonstrou empatia e comprometimento com o meu bem-estar emocional e saúde mental.

À minha gatinha, Pretinha, que demonstrou ser uma ótima companhia em momentos terapêuticos de apreciação musical e lazer.

Gostaria de dedicar também um sincero agradecimento a mim mesmo por essa incrível trajetória de aprendizado que percorri nos últimos anos, com muita dedicação, esforço e ímpeto de vencer.

*“Não existe triunfo sem perda, não há vitória sem sofrimento, não há liberdade sem sacrifício. “*

*J.R.R. Tolkien*

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa narrativa autobiográfica descreve minha envolvente jornada dedicada de crescimento e evolução como indivíduo, com ênfase na minha transformação como educador e no desenvolvimento da identidade docente ao longo do tempo. A problemática central da pesquisa consiste em analisar como a trajetória desde as primeiras experiências de vida na mediação do cuidado e da aprendizagem, o contato com as disciplinas na graduação em Pedagogia, em especial com a Educação Especial, até a atuação como estagiário de apoio escolar em uma escola da rede municipal de Manaus, buscando compreender como tudo isso impactou na minha formação como pesquisador e educador. São destacados os momentos-chaves que me trouxeram para o mundo da educação e como o contato direto com a comunidade escolar influenciou minha visão para o papel do educador na sociedade. Quanto a metodologia a pesquisa adotou uma abordagem autobiográfica e qualitativa, considerando que a fonte de investigação foram minhas vivências no campo da educação. Foram utilizadas fontes acadêmicas e literatura especializada em estudo sobre narrativas autobiográficas, formação docente e pedagogia. O objetivo geral da pesquisa foi compreender a construção da minha identidade docente a partir das experiências de vida, de formação e de atuação como estagiário de apoio escolar no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Como objetivos específicos apontamos: narrar sobre minhas experiências de vida que contribuíram para construção da minha identidade docente; refletir sobre as contribuições da minha formação de pedagogo e da atuação como estagiário de apoio escolar no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista para a construção de minha identidade docente; e, analisar à luz das minhas percepções e vivências como estagiário de apoio escolar na escola, os processos interacionais com os demais membros da comunidade escolar, para a construção de práticas educacionais inclusivas. Reitero que os objetivos foram contemplados e os resultados analisados ao longo do texto à luz das experiências, vivências, observações e registros realizados em um diário de campo do meu estágio remunerado. Destaco dentre os principais autores utilizados na fundamentação teórica da pesquisa: Antônio S. Nóvoa, Marie C. Josso e Umberto A. Pinto, que nos auxiliaram nas reflexões, análises e alcance dos resultados da minha pesquisa, que consiste na própria análise de minha caminhada e como meu contato com a educação, juntamente com minha formação inicial, me ajudaram e me tornar quem sou hoje, na constituição da minha identidade docente.

**Palavras-chave:** Mediação Escolar. Pesquisa Autobiográfica. Formação de Professores. Identidade Docente. Educação Inclusiva.

## ABSTRACT

This autobiographical narrative research work describes my engaging journey dedicated to personal growth and evolution as an individual, with an emphasis on my transformation as an educator and the development of my teaching identity over time. The central issue of the research consists of analyzing and understanding how the trajectory from early life experiences in caregiving and learning mediation, the exposure to subjects during my Pedagogy degree, especially Special Education, to my role as a school support intern in a municipal school in Manaus, reflects on how all of this impacted my development as a researcher and educator. Key moments that brought me into the world of education are highlighted, as well as how direct contact with the school community influenced my perspective on the educator's role in society. As for the methodology, the research adopted an autobiographical and qualitative approach, considering that the source of investigation was my experiences in the field of education. Academic sources and specialized literature on autobiographical narratives, teacher education, and pedagogy were used. The overall objective of the research was to understand the construction of my teaching identity based on life experiences, education, and acting as a school support intern in facilitating the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder. Specific objectives include: narrating my life experiences that contributed to the construction of my teaching identity; reflecting on the contributions of my pedagogical training and the role as a school support intern in facilitating the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder in shaping my teaching identity; and analyzing, based on my perceptions and experiences as a school support intern, the interactional processes with other members of the school community for the development of inclusive educational practices. I reiterate that the objectives were addressed and the results analyzed throughout the text in light of experiences, observations, and records made in a field diary of my paid internship. Among the key authors used in the theoretical foundation of the research, I emphasize Antônio S. Nóvoa, Marie C. Josso, and Umberto A. Pinto, who assisted us in reflections, analyses, and achieving the results of my research, which consists of the analysis of my own journey and how my engagement with education, along with my initial training, aided me in becoming who I am today in the formation of my teaching identity.

**Keywords:** School Mediation. Autobiographical Research. Teacher Education. Teaching Identity. Inclusive Education.

## SÚMARIO

<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	10
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. Das experiências de vida até o encontro com um percurso de formação docente</b> .....	16
1.1. Vivências em educação: O estranho mundo por trás de um olhar tímido .....	16
1.2. Os primeiros contatos com a Educação Especial .....	23
1.3. Além das limitações pessoais: um novo destino que me leva à profissão docente .....	26
1.4. Educação e os caminhos pedagógicos: Uma jornada de formação .....	30
<b>2. O trabalho pedagógico como estagiário de apoio escolar em uma escola, na perspectiva inclusiva: entrelaçando saberes, interações e práticas na construção de uma identidade docente</b> .....	46
2.1. Em busca do autoconhecimento: a Relevância do Método autobiográfico na análise de experiências .....	47
2.2. Um novo território e novos desafios .....	49
2.3. Reflexões sobre o trabalho como Estagiário de Apoio Escolar .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ACT – Auxiliar de Coordenação de Turno  
CEE – Centro de Ensino Especial  
EAE – Estagiário de Apoio Escolar  
ESV – Educador Social Voluntário  
GDF – Governo do Distrito Federal  
PcD – Pessoas com deficiência  
SEMED – Secretaria Municipal de Educação  
RH – Recursos Humanos  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
TEA – Transtorno do Espectro Autista  
UEA – Universidade do Estado do Amazonas

## INTRODUÇÃO

Nas páginas da minha formação pedagógica, descortinei um universo de descobertas e aprendizados que iriam de encontro com minha verdadeira identidade e ímpeto profissional. Cada passo que dei na minha caminhada singular traz consigo a essência de uma busca incessante pela compreensão mais profunda de mim mesmo e meu lugar no contexto educacional. Foi no despertar para a complexidade do meu entendimento como profissional na educação que o meu olhar para o trabalho autobiográfico se fez presente, como uma oportunidade ímpar de me conectar com a essência de minha própria caminhada.

Durante minha atuação como Estagiário de Apoio Escolar (EAE) em uma escola da rede municipal de Manaus, percebi a importância de lembrar da minha história única de vida, meus desafios e meus sonhos, que me possibilitaram construir uma identidade profissional e docente. A imersão no contexto escolar, nessa pluralidade de vivências, abriu-me o olhar para a beleza e a relevância das experiências individuais na construção de uma identidade profissional e de atuação no ambiente escolar.

No período de Junho de 2022 até o atual momento de produção desta pesquisa autobiográfica, estou e estive presente atuando em uma escola municipal localizada na zona Sul da cidade de Manaus. A escola funciona no turno matutino, vespertino e noturno, sendo que pela manhã atende do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, pela tarde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e no período noturno atende aos jovens e adultos da modalidade Educação de Jovens e Adultos.

Nos trilhos da minha própria história, mergulhei com ímpeto nas minhas atribuições como EAE (Estagiário de Apoio Escolar) nesta escola municipal, compartilhando alegrias e momentos desafiadores com os demais colegas de trabalho. No período vespertino, no qual estou designado, a escola possui um quadro com 16 professores dos componentes curriculares necessários para atender do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, 1 pedagoga, 1 gestora, 1 secretário, 3 funcionários do administrativo, 4 EAE e uma equipe com 8 funcionários que atendem as demandas de higienização e alimentação da escola.

Reitero que estas pessoas não são simplesmente uma composição de dados numéricos referente a quadro de funcionários, mas sim uma rede de relações significativas que enriqueceram profundamente o meu processo de ensino e

aprendizado durante o estágio. Ao longo da minha atuação, pude vivenciar minha transformação através do relacionamento com estes amigos e mentores que desempenharam papéis cruciais no meu desenvolvimento profissional. Cada um contribuiu com seu conhecimento, experiência e apoio, permitindo-me compreender nuances da prática educativa que vão além do currículo formal.

Com isto, nesta rota pela construção da minha identidade como educador, adentro num universo de reflexões e descobertas, onde a mediação escolar no Ensino Fundamental, anos finais, se apresenta como um campo fértil para minha formação como pedagogo. As experiências de vida, a formação acadêmica e a atuação como EAE no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tecem uma trama única, desenhando o perfil do profissional que venho me formando.

Para a construção deste trabalho de pesquisa narrativa autobiográfica, estabelecemos como objetivo geral: compreender a construção da minha identidade docente a partir das experiências de vida, de formação e de atuação como estagiário de apoio escolar no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Como objetivos específicos, que norteiam a trajetória desta investigação, o primeiro é: Narrar sobre minhas experiências de vida que contribuíram para construção da minha identidade docente. E através da narrativa sobre minhas experiências de vida, pretendi lançar os fios que compõem o tecido da minha identidade docente, identificando como elementos pessoais influenciaram meu olhar sobre a educação.

O segundo objetivo: refletir sobre as contribuições da minha formação de pedagogo e da atuação como estagiário de apoio escolar no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista para a construção da minha identidade docente. Tal objetivo é contemplado ao levantar uma profunda análise reflexiva sobre as contribuições da formação em pedagogia na minha atuação como EAE, buscando compreender com a intersecção dessas experiências enriquece minha prática pedagógica e molda minha abordagem inclusiva.

O terceiro objetivo: analisar à luz minhas percepções e vivências como estagiário de apoio escolar na escola, os processos interacionais com os demais membros da comunidade escolar, para a construção de práticas educacionais inclusivas. O último objetivo específico é alcançado através da análise minuciosa dos processos interacionais com os demais membros da comunidade escolar, permitindo

identificar como essas vivências colaboram para a construção de práticas educacionais mais inclusivas, onde a mediação se apresenta como pilar fundamental.

Neste processo de desenvolvimento pessoal, adentro ao universo da mediação escolar no Ensino Fundamental através de uma perspectiva singular: a narrativa de minha própria vida. A problematização central que motivou esta pesquisa foi a busca pela compreensão da construção de minha essência pedagógica, revelada a partir da narrativa autobiográfica, permeada pelas experiências de vida, formação acadêmica e diversas atuações no âmbito escolar no suporte à inclusão de alunos com TEA ou pessoas com deficiência (PcD).

Alicerçando minha pesquisa em fundamentos sólidos, busquei embasar e reflexão sobre a autobiografia e a formação de professores e pedagogos em conceitos propostos pelos autores, dos quais destaco as contribuições significativas de Antônio Sampaio da Nóvoa (1992, 2017, 2019), Marie Christine Josso (2004, 2007), Umberto de Andrade Pinto (2006) e Paulo Freire (1970, 1996). De modo que ao recorrer a obras destes autores pude explorar suas perspectivas sobre a construção do perfil do educador, o universo da narrativa autobiográfica e escrita de si e a formação de professores e a construção do conhecimento pedagógico.

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa se fundamentou no método autobiográfico e na análise do meu diário de campo. Essas abordagens se mostraram essenciais para construção da minha monografia, proporcionando um enfoque aprofundado e significativo que permitiu que eu narrasse e explorasse minhas vivências pessoais e profissionais. As pesquisas autobiográficas representam uma abordagem investigativa em que o indivíduo se desvela internamente, revelando-se não apenas a si mesmo, mas também ao público externo por meio de uma narrativa profundamente autorreferente e carregada de significado. (Wiercinski, 2014)

Neste sentido, o impulso para expressar aspectos pessoais emerge como uma oportunidade de dar visibilidade ao que normalmente permaneceria oculto, expondo aquilo que só é possível trazer à luz por meio do processo autobiográfico, caracterizando tal movimento como uma prática destinada a conferir sentido à própria existencial pessoal e autoidentidade.

Deste modo, por meio de meus relatos pessoais e a história da minha vida, pude refletir sobre os momento-chave, as escolhas e os desafios que moldaram minha jornada educacional e profissional, revelando aspectos singulares da minha essência como educador. Em uma pesquisa narrativa autobiográfica, as histórias de vida são

elementares para se compreender todo o desenrolar da trama das análises e reflexões. Nesta perspectiva, trago as contribuições de Bragança, que considera que:

A história de vida manifesta-se como movimento propriamente humano de dar sentido à vida e à sua historicidade. Constitui um enfoque teórico-metodológico que, rompendo com o paradigma lógico-formal, focaliza a vida, em suas tramas individuais e coletivas, como um lócus privilegiado de compreensão dos processos sociais e históricos. (Bragança, 2012, p.49)

Juntamente ao método autobiográfico, o uso do diário de campo dos registros das experiências vivenciadas e dos trabalhos desenvolvidos como EAE, por sua vez, permitiu que eu registrasse observações, impressões e reflexões durante meu estágio de apoio escolar, tornando-se uma fonte rica de informações sobre minha atuação em sala de aula, as interações com os demais e como eu me sentia e reagia em relação a certos eventos que acontecem dentro do contexto escolar. Esses registros forneceram uma perspectiva contextualizada sobre meu desenvolvimento como educador e me auxiliaram na análise das práticas educacionais inclusivas que vivi.

Quanto a abordagem escolhida, o foco está na compreensão aprofundada das experiências obtidas como educador e graduando em formação, buscando captar as subjetividades, as percepções e significados atribuídas a essas vivências. A ênfase é na qualidade de riqueza das informações coletadas, permitindo uma análise mais contextualizada e interpretativa das narrativas pessoais.

No que se refere a natureza, o trabalho possui uma natureza narrativa autobiográfica. Sendo que a pesquisa é centrada na descrição detalhada das vivências e acontecimentos ao longo do meu percurso como profissional e pedagogo em formação. Apresentando de forma minuciosa, os eventos, relações e reflexões que moldaram minha práxis pedagógica sem manipulação de variáveis.

Sobre os procedimentos técnicos, o trabalho adota pesquisa bibliográfica e o uso de um diário de campo no qual realiza a coleta de dados *in loco*, nas situações reais vivenciadas como EAE e futuro pedagogo, proporcionando um olhar autêntico e direto sobre as interações ocorridas no ambiente da escola municipal. Desta forma, juntamente ao método autobiográfico, é permitido uma melhor imersão na subjetividade e singularidade da trajetória estudada, possibilitando uma análise densa e reflexiva sobre as implicações de minhas experiências na prática pedagógica.

O meu relato torna-se relevante pois ao compartilhar minha história de vida e experiências, contribuo para evidenciar como as práticas pedagógicas inclusivas

podem ser benéficas e minhas narrativas pessoais podem sensibilizar a comunidade escolar e a sociedade, combatendo preconceitos e valorizando a diversidade. Deste modo, é possível impulsionar o aprimoramento de políticas inclusivas e estimular novas futuras pesquisas que utilizem do método autobiográfico, ampliando o conhecimento na área educacional.

Para melhor compreensão da organização deste trabalho monográfico, no primeiro capítulo, adentro às camadas de minhas experiências pessoais, revelando como meu primeiro contato com uma PcD me levou a atuar com a Educação Especial e como esse fator abriu portas para um caminho significativo como educador para PcD. Nessa imersão, desvelo os caminhos que me conduziram à escolha de cursar pedagogia, como forma de dar continuidade às atividades que me conectam a esse mundo tão enriquecedor e transformador.

No segundo capítulo, exploro também o processo de formação inicial em pedagogia, os aprendizados e desafios que permeiam meu percurso. Com sinceridade e autenticidade, relato também sobre outras funções que tive como Auxiliar de Coordenação de Turno (ACT), estagiário no planejamento acadêmico e principalmente sobre como minha atuação como EAE me influenciou pelo fato de vivenciar de perto a realidade educacional em uma escola municipal de Manaus, especialmente no contexto da inclusão de alunos com TEA.

No cerne desta narrativa autobiográfica, a formação inicial e as diferentes atuações profissionais que tive se entrelaçam a todo momento, delineando os contornos de minha essência profissional de educador, sensível e comprometida com uma educação que acolhe, valoriza a singularidade própria e dos outros, respeita e valoriza as diferenças, bem como contribui para a inclusão escolar.

## **1. Das experiências de vida até o encontro com um percurso de formação docente**

Neste capítulo descrevi minha trajetória e como encontrei na Pedagogia uma vocação e propósito profissional. Inicialmente, o envolvimento com a Educação Especial como área de atuação foi motivado por razões familiares, impulsionando-me a mergulhar em um caminho de descobertas e aprendizados. A decisão de ingressar no curso de Pedagogia surgiu posteriormente, como um complemento fundamental para a minha formação e aprimoramento no trabalho com estudantes com necessidades especiais.

No meu caso, a vivência pessoal e afetiva com uma pessoa com deficiência (PcD) despertou minha sensibilidade para a importância da inclusão e dignidade no dia a dia de tais indivíduos. Essa experiência pessoal serviu como ponto de partida para minha incursão no campo da Educação Especial, onde encontrei um propósito significativo e uma forma de contribuir para a transformação social.

Abordarei as motivações pessoais e familiares que me levaram a me engajar inicialmente pela Educação Especial e posteriormente a ingressar no curso de Pedagogia. Serão exploradas as experiências vivenciadas nesse percurso inicial, destacando-se os desafios, as descobertas e as influências que moldaram minha visão e prática educacional. Por meio da narrativa pessoal, busca-se compreender como as motivações familiares e a formação acadêmica se entrelaçam, influenciando minha trajetória e consolidando minha identidade como pessoa e educador.

### **1.1. Vivências em educação: O estranho mundo por trás de um olhar tímido**

No método autobiográfico utilizamos nossa própria experiência, memórias e reflexões como fonte de dados para a pesquisa. Nisto implica reconhecer a subjetividade do pesquisador na construção do conhecimento, que busca atrelar uma conexão entre as experiências pessoais com fenômenos sociais mais amplos.

Nesta perspectiva, Josso (2004) afirma que devemos realizar uma espiral retroativa para si, desenvolvendo três níveis de análise em profundidade que permite caracterizar as etapas do trabalho autobiográfico ao longo do processo, sendo eles nivelados em: 1) Evidência do processo de formação, 2) evidência do processo de conhecimento e 3) evidência dos processos de aprendizagem. Considerando tais

fases, torna-se possível fazer uma investigação sobre si de modo que, a cada vislumbre que fazemos de nossos próprios relatos, pode nos ressignificar e nos fazer repensar sobre como agiríamos nas mesmas circunstâncias com uma mentalidade amadurecida.

Na perspectiva da análise do eu, o método autobiográfico evidencia uma abordagem de pesquisa que incorpora a narrativa pessoal do pesquisador como um recurso para a produção de conhecimento, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos que devem ser estudados por meio de reflexões das experiências vividas pelo pesquisador.

Nesta abordagem, Josso (2004, p. 73) reflete que: “Nas narrativas de vida é evidente que as vivências são relatadas, mas contam-nas já desenvolvendo-nos uma significação, por mais sumária que ela seja.”, considerando isto, no meu relato autobiográfico estarei evidenciando como os processos interativos, de vida e formação contribuíram para o estabelecimento do que eu constituo como ser. Para isto, devo recapitular e evidenciar alguns eventos que me trouxeram para este momento de reflexão sobre si.

Nasci e fui criado em Brasília, respectivamente, em uma cidade satélite nomeada de Sobradinho. Apesar de não ter muitas memórias da minha infância e adolescência, tenho plena ciência de que meus pais, mesmo com condições limitadas, sempre me ofereceram tudo que puderam. Cresci dividindo quarto com meu irmão mais velho, que tem apenas um ano e meio de diferença.

Após o nascimento da nossa irmã caçula, devido a questões financeiras, eu e meu irmão assumimos a responsabilidade de compartilhar a atenção com ela. Era muito desafiador equilibrar nossas emoções, perspectivas e vontades típicas da pré-adolescência com as responsabilidades necessárias para atender às necessidades de um bebê.

Nossa mãe trabalhava de manhã e tarde enquanto o patriarca, teve que pedir demissão, para nos auxiliar nos cuidados de nossa irmã caçula. Mesmo com a presença de nosso pai em casa, ainda sobrava para os dois irmãos a tarefa de observar e cuidar da irmã caçula. Conforme Oliveira *et al.* (2020, p.2) “A percepção que os profissionais da educação têm a respeito do cuidar e educar influencia diretamente a relação que estes estabelecem com as crianças.”, e apesar de ser pré-adolescente, nascia ali as minhas primeiras noções de responsabilidade educativas e sociais.

Neste relacionamento fraterno com a pequena criança, acabou desenvolvendo prematuramente em mim, a habilidade de empatia. Jeffrey D. (2016) reflete que a empatia é considerada uma habilidade interpessoal multifacetada, composta de componentes comportamentais, afetivos, morais e cognitivos. Tal habilidade crescia pelo fato de estar lidando com uma criança mais nova, que era minha amada irmã.

Enquanto os anos passavam, o convívio com nossa irmã também incluía a responsabilidade de ajudá-la em suas tarefas escolares rotineiras. Tal fato resultou, de forma não intencional, no meu primeiro contato como educador de crianças, uma tarefa que considerava arduamente descomunal para mim, um adolescente.

Eu não compreendia o fato de que, cada etapa de desenvolvimento da minha irmã carecia de abordagens educacionais diferentes e neste aspecto, eu vivenciava como espectador as etapas de desenvolvimento, que segundo Vygotsky (2010) é um processo imprevisível, uma verdadeira possibilidade que envolve períodos críticos e períodos estáveis e cruciais no desenvolvimento de uma criança, e que cada passagem de etapa além de evolução, também é revolução.

Mal sabia eu, que no decorrer da minha vida, tal vivência além de me render boas lembranças, também serviria como fator crucial para análise da perspectiva de construção do meu eu docente. Logicamente, pelo fato de ser apenas um adolescente desprovido das normas acadêmicas, eu não dominava nenhuma técnica ou método especial para ajudar minha irmã em suas atividades pedagógicas.

O que me movia, além das ordens paternas, era o interesse em observar minha querida irmã aprendendo, e também o amor fraterno que nutria por ela. Freire (1970) afirma que o amor é um ato de coragem e compromisso com os homens, e de uma coisa eu tinha certeza, eu estava compromissado em ver minha irmã tendo sucesso em suas pequenas atividades escolares e minha maior recompensa era vê-la chegando feliz da escola dizendo que queria a ajuda do “maninho” em suas tarefas.

Conforme os anos passavam, minha visão, compreensão e interpretação de mundo mudaram na mesma velocidade em que eu amadurecia. De um adolescente tímido e acanhado, fui gradualmente me transformando em um jovem rebelde, descontente com tudo e sem muita perspectiva de vida.

Devido a minhas condições financeiras limitadas, somente estudar nunca me foi uma opção, então acabava adentrando em diversos subempregos sem sequer considerar cursar alguma graduação, pois na minha visão limitada e distorcida, eu só precisava de dinheiro e a educação sempre ficava em segundos planos. O que era

uma contradição, pois eu me importava muito com a formação da minha irmã caçula, enquanto negligenciava a minha própria. Durkheim (2013) estabelece que cada profissão tem sua própria constituição moral, entretanto com as diversas trocas de subempregos ficou difícil consolidar uma moral e/ou perspectiva profissional.

No início dos meus vinte anos consegui um emprego razoável, apesar de ter concluído apenas o ensino médio. O salário era mínimo, mas não me exigia fisicamente e mentalmente quanto às experiências anteriores, que acabava dando a oportunidade de ter uma vida menos exaustiva. Tal fator contribuiu para a criação de algo que eu mesmo chamava de “bifurcação semanal”, que consistia no meu empenho total nas tarefas semanais, enquanto nos fins de semana eu dedicava no meu descanso e lazer, que é algo que considero essencial na vida de qualquer pessoa.

Minhas atividades de lazer eram típicas de qualquer “jovem urbano e roqueiro”, como ir para eventos, casa de amigos, se reunir nas pequenas praças da cidade e outros. Josso (2004) reflete que a busca da alegria proporcionada pelo prazer é uma tentativa de evitar o sofrimento, nisto se apresenta para nós, os seres comuns, como as duas faces que compõem a busca pela felicidade. Deste modo, mesmo recebendo a alcunha de antissocial por alguns colegas, nas idas e vindas da juventude acabei me relacionando seriamente com uma mulher, que viria ser minha companheira.

Este relacionamento, por vez, acabaria definindo uma série de tomadas de decisões que influenciaram o meu percurso como educador e graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia, conforme irei explicitar nos próximos tópicos e parágrafos.

Os traços de dedicação e empenho que eu carregava comigo na vida profissional acabaram se integrando também na vida amorosa. A minha companheira era órfã e criava sozinha uma irmã, de idade próxima, que fazia tratamento psiquiátrico para sintomas psicóticos severos. Pelo fato da minha cunhada necessitar de acompanhamento integral e contínuo, vinte e quatro horas por dia, minha companheira não podia se inserir no mercado de trabalho.

Isso me comovia muito, ao ponto de me levar a tomar a decisão mais difícil da minha, até então, que foi sair da casa dos meus pais para ir morar junto com ela. Aquele mesmo Vitor que gostava de ver a pequena irmã feliz na realização de suas atividades, agora enfrentava um dilema de ajudar sua companheira a enfrentar o dia-a-dia, mediante as dificuldades como falta de apoio da família, que carecia da

presença de um pai e mãe. Apesar da escolha demasiadamente difícil, tomei a decisão de ir morar com minha companheira Jasmim<sup>1</sup> e ajudá-la em seu percurso.

Ao enfrentar decisões desafiadoras ao longo da minha caminhada, fui moldando minha identidade como pessoa e futuro educador de forma significativa. Cada escolha difícil foi uma oportunidade de aprendizado, permitindo-me refletir sobre meus valores, objetivos e abordagens pessoais e futuramente pedagógicas, desta forma, reflito e falo na perspectiva de Josso (2004, p. 48):

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribuiu ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural.

Conforme nossa vida familiar avançava, enfrentávamos muitas dificuldades resultantes do convívio com a irmã Petúlia<sup>2</sup> que necessitava de atenção redobrada. Petúlia era acometida de crises paranóicas e psicóticas severas, diagnosticada pelos médicos da época, nas quais nos agredia verbalmente e até fisicamente.

Confesso que neste processo de vivência com ambas, um dos atributos que aprendi a desenvolver com excelência foi o de paciência, que de acordo com Freire (1996) a pedagogia deve ser baseada na relação dialógica entre educador e educando, o que requer paciência e respeito mútuo, desta forma enquanto estreitava laços de convivência com Petúlia, também desenvolvia tais características.

Enquanto Petúlia tinha suas crises, era costumeiro que eu e Jasmim precisássemos estabelecer um diálogo totalmente pautado na racionalidade para convencer Petúlia de que seu imaginário estava lhe pregando peças, e de que aquilo que ela imaginara não estava de fato ocorrendo.

Tal vivência, aos poucos, ia me ensinando como lidar com pessoas em crises e possíveis alternativas de contornar momentos cansativos de pré-crise. Josso (2004) infere que as qualidades humanas exercidas através do respeito são a generosidade, a paciência, a vigilância e a calma mental. Eu realizava um grande esforço mental

---

<sup>1</sup> Nome fictício atribuído à minha companheira, em prol da manutenção de sua integridade pessoal.

<sup>2</sup> Conforme explicado na introdução, estarei atribuindo nomes fictícios as pessoas que contribuíram na minha construção como pessoal e acadêmico.

para conseguir aplicar tais qualidades com Petúlia e confesso que me sentia realizado todos os dias ao chegar em casa e ver que ela e Jasmim estavam bem.

Um dia, enquanto eu e Jasmim estávamos em casa, escutamos um barulho estranho vindo do quarto de Petúlia, e ao averiguar o que acontecia, nos deparamos com ela em crise convulsiva. Aquilo me assustou, pois isso nunca havia ocorrido e fiquei sem reação, graças às ações de Jasmim, que parecia estar mais preparada, ela foi socorrer a irmã.

Após prestarmos auxílio e socorrê-la com um balde e um banho, pois durante a crise convulsiva Petúlia havia se afogado com vômito, voltamos para nosso quarto, pois aparentemente ela havia voltado a normalidade. Após alguns minutos, levantei-me da cama e fui observar a Petúlia para perguntar se ela precisava de algo, quando me deparei com ela desacordada, imaginei que estivesse dormindo.

Retornando ao quarto e avisei a minha companheira que sua irmã estava deitada, Jasmim em uma espécie de impulso materno, foi verificar se Petúlia realmente estava bem. Ao perceber que Petúlia não esboçava reação, decidi chamar ajuda médica pela emergência.

Fomos atendidos por uma unidade de médicos e enfermeiros do SAMU, que a encaminhou para um hospital para realizar uma bateria de exames e tentar diagnosticá-la. Neste contexto foi constatado que Petúlia ingeriu uma bactéria estomacal, que provocou sequelas neurológicas e condicionou-a a paraplegia, comprometendo várias funções cerebrais básicas de comunicação oral e escrita, deglutição, movimentação e cognição.

Tal diagnóstico mudou completamente minha vida na época, pois foi necessário eu mudar de trabalho, passando de atendente de balcão de padaria para cuidador, visto que neste contexto, aproveitei minhas habilidades desenvolvidas nos cuidados de Petúlia e fiz um curso de cuidador de idosos, área de atuação que exerci por um breve período.

Na perspectiva dos cuidados, Monção (2015, p. 163) infere que “ao considerarmos o cuidado em sua dimensão ética, aproximamo-nos da concepção da educação em sua integralidade, em que o cuidado é compreendido como algo indissociável do processo educativo.” Ouso dizer que o cuidado, no que tange os processos educativos de ensino-aprendizagem, devem se estender para além da educação infantil, e integrar todas as modalidades de ensino, incluindo a Educação

Especial, pois foi através dos cuidados que eu exercia que foram surgindo as primeiras oportunidades de trabalhar com a Educação Especial.

A Lei Nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), especificamente no art. 58 define que, “Entende-se por educação especial, para efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. Portanto, no que se refere a Educação Especial, área no qual estaria trabalhando e, posteriormente, estagiando, foi a modalidade através da qual tive meus primeiros contatos com a Pedagogia, conforme os relatos irão mostrar.

Condizente a minha nova rotina de trabalho, desenvolvi novas habilidades como cuidado pessoal, higienização, empatia e flexibilidade emocional mediante as dificuldades, pois segundo Marques (2012) reconhecer o outro como protagonista no teatro da vida é uma mudança de paradigma, cria-se uma comunhão com as diferenças e afirma que a vida se expande e enriquece na multiplicidade. O que eu não vislumbrava, seria mais uma transformação que aconteceria em minha trajetória profissional, ocasião que iria me inserir no contexto educacional.

Durante este período turbulento, eu era incumbido de conciliar vida familiar, pai e mãe preocupados comigo, novas perspectivas profissionais e atenção redobrada com minha cunhada. Os recursos financeiros eram, quase por completo, destinados a produtos farmacêuticos e higiênicos. Urgia a necessidade de aumentar minha renda e convenientemente um amigo me informou sobre um programa do Governo do Distrito Federal (GDF), que estava contratando candidatos para estarem atuando nas escolas públicas da minha cidade como apoio escolar e/ou cuidador escolar sob a nomenclatura de Educador Social Voluntário.

Neste contexto, eu estaria futuramente atuando no chão da escola auxiliando nos processos de vivência, locomoção, higienização, alimentação, cuidados, brincadeiras e interações como Educador Social Voluntário. Nomenclatura oficial do GDF, mas que também está atrelada a outras nomenclaturas e conceitos utilizados em diferentes estados e regiões do país. Conforme discutido por Bezerra (2020) tais nomenclaturas variam entre monitor, cuidador, mediador, estagiário mediador, auxiliar de ensino, auxiliar de vida escolar, acompanhante especializado, atendente entre outros.

Através da análise de eventos da minha vida, juntamente a minha reflexão pessoal, compreendo e examino que os fatores que influenciaram minha trajetória de

vida auxiliaram a moldar minha visão em relação à inclusão educacional e escolha profissional. De modo que, o impacto da falta de recursos financeiros gerou a necessidade de ir buscar outra atividade remunerada no Centro de Ensino Especial, gerando os primeiros contatos com a área de Educação Especial.

## **1.2. Os primeiros contatos com a Educação Especial**

Em meados de 2013, eu não conhecia os significados que permeiam a função de Educador Social Voluntário, ainda assim me interessei, pois tal programa não exigia graduação acadêmica. De acordo com Ferreira (2009), existem no mundo mais de 600 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência e as maiores concentrações deste grupo são em países emergentes ou com grande índice de pobreza. Portanto, existia a necessidade de oferta de profissionais que pudessem oferecer nas escolas, os serviços como apoio escolar.

Os candidatos passavam por entrevistas com a equipe Pedagógica Regional da cidade de Sobradinho, em Brasília-DF, e, caso fossem aceitos, eram encaminhados a escolas nas proximidades de sua residência. Tal processo também é discutido por Bezerra (2020, p. 678) que afirma que: “É válido mencionar que há redes públicas de ensino cujos profissionais de apoio à inclusão escolar são contratados por processo seletivo específico ou já estão sendo efetivados por concurso público.”. Neste contexto, fui entrevistado pela dona Esmeralda<sup>3</sup>, que no primeiro contato se surpreendeu com minha aparência e até questionou se eu realmente teria interesse pela vaga.

Me senti acanhado, mas respondi educadamente todas as suas perguntas, e conforme a entrevista avançava ela perguntou se eu tinha experiência com pessoas com deficiência (PcD) e através do meu relato de vida, dona Esmeralda se surpreendeu com minhas habilidades e também se comoveu com os acontecimentos.

Para minha surpresa, dona Esmeralda era a principal coordenadora da Regional de Ensino da cidade e afirmou que eu era o candidato perfeito para uma vaga em específico. Antes de perguntar sobre a vaga, eu solicitei que ela me explicasse um pouco sobre o programa, e descobri a nomenclatura da função pretendida, que era de Educador Social Voluntário (ESV).

---

<sup>3</sup> Dona Esmeralda trata-se de um nome fictício utilizado para tratar de uma pessoa que foi muito importante na minha vida profissional.

De acordo com o decreto Distrital nº 37.010/2015 e Lei Distrital nº 3.506/2004 o ESV tem como principal objetivo oferecer auxílio e suporte para PcD inseridas nas diversas modalidades educacionais dentro das instituições escolares do Distrito Federal. No meu caso foi mais específico, pois a dona Esmeralda me ofereceu uma vaga para estar atuando dentro de um Centro de Ensino Especial (CEE), que segundo GDF:

É definido como uma instituição especializada de atendimento educacional e de desenvolvimento humano de estudantes com deficiência e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Apresenta um atendimento pautado em condições que preveem a presença de profissionais qualificados. Dispõe de programas e de procedimentos metodológicos específicos, bem como equipamentos e materiais didáticos adequados à educação desses estudantes, com o uso de currículo funcional. (Distrito Federal, 2018)

Fiquei surpreso e lisonjeado com a oferta, e confesso que ansioso e hesitante quanto às minhas capacidades para atuar na respectiva escola. Entretanto, fui encaminhado para o CEE, apresentei minha documentação ao gestor e fui muito bem recebido. Fiquei surpreso com a recepção calorosa e um dos primeiros comentários que ouvi foi “esse é bom que é grande, vai dá para segurar os meninos”, não entendi o comentário naquele momento, e alguns dias depois entendi o contexto. Na verdade, minha função era oferecer suporte e auxílio a todos os estudantes da escola.

No exercício da função de ESV, eu permanecia no pátio escolar, área central e de fácil acesso às demais áreas da escola, à disposição sempre que os professores solicitavam. A organização escolar do CEE era distribuída em: cerca de 10 salas com professores regentes e um professor de apoio para no máximo 4 estudantes por sala. Disponha também de piscina, quadra, jardim, biblioteca, sala de professores, sala de informática, coordenação, secretaria e um quiosque central. Barboza e Bezerra (2021) discutem que as instituições devem se preparar para receber o educando com deficiência, desfazendo as barreiras atitudinais e arquitetônicas.

Enquanto os professores trabalhavam questões pedagógicas, sociais, afetivas e comportamentais com os discentes em sala de aula, eu aguardava orientações e solicitações dos professores para ajudar em diversas tarefas como: trocar a roupa de banho, escovar os dentes, trocar fralda, colocar na piscina, ajudar na alimentação, tirar e pôr na cadeira de rodas, ajudar na entrada e saída, prestar suporte na locomoção dos discentes até o transporte e eventualmente ajudar em atividades pedagógicas também.

No caso do comentário “esse é bom que é grande, vai dá para segurar os meninos”, referia-se ao fato de que no intervalo todos os estudantes ficavam no pátio, enquanto os professores descansavam e ocasionalmente algumas crianças ficavam enérgicas, correndo brincando, sendo necessário observar se elas não iriam esbarrar nos cadeirantes. É válido ressaltar que no CEE é realizado atendimento a PcD de diversas condições como paralisia cerebral, paralisia física, deficiência múltipla, TEA, síndrome de Down.

Portanto, me foi exigido uma grande flexibilidade emocional, cognitiva e física para dar suporte ao atendimento desses estudantes. Mas certamente eu me sentia realizado e feliz ao trabalhar neste ambiente, pois em minha concepção, eu estava fazendo um bom trabalho e me relacionava bem com todos. Porém eu não concebia que devido a estas experiências eu estaria definindo o futuro da minha carreira profissional e início da minha jornada acadêmica, pois cada sorriso das crianças daquele local, involuntariamente despertava em mim o desejo de continuar atuando no chão da escola em busca de uma educação inclusiva, que segundo Rodrigues:

A educação inclusiva não é uma cosmética da educação tradicional nem uma simples estratégia de melhoria da escola: constitui a promoção da formulação da educação em novas bases que rejeitem a exclusão e promovam uma educação diversa e de qualidade para todos os alunos. (Rodrigues, 2006, p.13)

Nesta perspectiva, eu buscava integrar práticas inclusivas com os indivíduos do CEE, pois era importante considerar o contexto da instituição, a história de vida de cada um e até tentar compreender os porquês de cada um estarem ali. Nisto, reflito hoje que o CEE ajudou no meu desenvolvimento como pessoa e educador, considerando que minha atuação lá precisava ser flexível e adaptada aos diversos contextos e cenários, pois Jofre reflete que:

Assim, é de extrema importância que as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, seja: intelectual, auditiva, visual ou múltiplas, possam reconhecer as limitações que possuem, até para que possam se relacionar de uma maneira mais intensa com essas dificuldades, um trabalho para os profissionais da educação que atuam diretamente com essas pessoas, e possuem além do papel fundamenta de ensinar o papel de mediação desse autoconhecimento para aprimoramento da autoestima, senso de superação e independência inclusive nas tarefas básicas da vida diária, como cuidar da aparência e higiene. (Jofre, 2019, p. 26)

Como graduando do curso de pedagogia, hoje percebo que trabalhar no CEE foi uma experiência enriquecedora em todos os contextos. Através do contato direto com alunos com necessidades especiais, tive a oportunidade de aprender e aplicar melhores estratégias para se trabalhar com o público da Educação Especial, além de oferecer um suporte personalizado. Isso me permitiu ampliar minhas habilidades, promover a inclusão e proporcionar um ambiente de aprendizagem adequado para os estudantes do CEE.

De acordo com Cunha (2017), a instituição de ensino que presa por atender os propósitos da educação inclusiva deve se adequar e organizar de acordo com as necessidades e diversidades dos discentes. Adaptando inclusive o quadro docente, concedendo condições essenciais de trabalho e possibilitando a constante atualização dos profissionais que atuam na instituição.

Não obstante, é necessário refletir sobre a pequena bagagem que acumulei no CEE, que, mesmo considerando que na época eu não tinha graduação, os aprendizados ali obtidos refletem hoje na construção do meu eu graduando, meu eu social e meu eu profissional. Conforme Nóvoa (2017, p. 25): “A bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência”, e neste contexto o meu diálogo e convívio com outros profissionais da Educação Especial ajudaram a consolidar quem eu sou hoje.

### **1.3. Além das limitações pessoais: um novo destino que me leva à profissão docente**

Conforme eu acumulava experiências dentro do CEE, paralelamente crescia uma vontade íntima de realizar uma graduação, principalmente que aperfeiçoasse meu trabalho como ESV. Mas eu contava com alguns obstáculos para realização deste desejo interno, dentre os quais posso afirmar que os principais eram a falta de recursos financeiros e tempo, devido ao meu desdobramento entre o trabalho como ESV e ajudar uma PcD em casa.

Em meados de 2016, eu já acumulava três anos atuando como ESV e conforme avançava em idade eu me sentia constrangido por ter concluído apenas o Ensino Médio. Havia no CEE colegas de função que já haviam concluído alguma graduação e eles compartilhavam comigo suas experiências e conforme eles narravam, crescia ainda mais no meu âmago, o desejo de também iniciar uma trajetória acadêmica e

reafirmar para mim mesmo e outras pessoas, que eu também tinha a capacidade de arcar com os desafios de uma graduação.

No que tange a escolha da graduação, eu sabia que teria de ser na área da Educação, considerando que eu estava inserido no contexto escolar. Entretanto eu não sabia ao certo, qual curso ou licenciatura deveria fazer, alguns colegas diziam terem cursado licenciatura em Pedagogia, e internamente eu já ponderava em também trilhar este caminho devido ao compromisso ético e social que a Pedagogia exige, que conforme Nóvoa (2017, p. 33):

A ética não é um discurso, é uma ação, um compromisso. Desde o primeiro dia como estudantes da licenciatura temos de trabalhar esta dimensão, sabendo que seremos diariamente confrontados com dilemas que, muitas vezes, não têm uma resposta definitiva, mas para os quais precisamos encontrar respostas provisórias, com um sentido pedagógico e educativo.

A tentativa de cursar uma licenciatura em Pedagogia seria prorrogada por alguns anos, devido as causalidades da minha rotina de vida. Ocorreu um momento de ruptura severa na minha vida, no que tange a esfera afetiva, causada por incompatibilidade de perspectivas de futuro, não havia mais consensos e a relação com Jasmin foi finalizada, de modo que precisei retornar para casa dos meus pais.

A falta de opções e perspectiva, resultantes de situações adversas me gerava sentimento de frustração e angústia, pois meus objetivos pareciam estar cada vez mais distantes, mas a maturidade me ensinou a reconhecer que estamos em constante mudança e conforme aponta Freire (2002), a inconclusão do ser é a própria experiência vital.

Ocasionalmente voltei a ter contato com uma antiga amiga, Suzane<sup>4</sup>, que morava na cidade de Manaus, região na qual meu avô materno foi criado e tenho familiares de segundo e terceiro grau. Conforme as conversas com Suzane se estendiam, descobri que ela atuava como Pedagoga na rede pública de Manaus, e mesmo eu trabalhando em uma escola, não fazia ideia do que de fato significava compreendia o trabalho de um Pedagogo.

De acordo com Pinto (2006, p. 50), “considerando um conhecimento da e para a prática, a Pedagogia se manifesta na ação do agente educativo e, nesta perspectiva, o pedagogo se configura como esse agente, visto que é formado em Pedagogia.”

---

<sup>4</sup> Suzane trata-se de um nome fictício da minha atual companheira e esposa, que graças a sua influência acabei me estabelecendo no caminho pedagógico.

Assim, o pedagogo é o agente promotor do desenvolvimento educacional, social e emocional dos estudantes, auxiliando na gestão pedagógica, orientação de professores e criação de estratégias de ensino adequadas às necessidades individuais e coletivas dos alunos.

Deste modo, mesmo na perspectiva de ESV atuante na Educação Especial, de certa forma eu desenvolvia algumas habilidades que são necessárias para a práxis pedagógica e reconheço hoje que, graças as vivências obtidas no CEE eu fui capaz de adquirir consideráveis noções de como se trabalhar de maneira inclusiva para alunos com necessidades especiais, dentro do espaço escolar, que conforme Carvalho infere:

O que tenho pretendido alertar é que a inclusão, como desejável e necessário movimento para melhorar as respostas educativas das escolas, para todos, com todos e para toda a vida, deve preocupar-se com a remoção das barreiras para a aprendizagem e para a participação (promovendo a interação, a integração, entre os colegas de turma, da escola...e, por certo, com os objetos do conhecimento e da cultura). (Carvalho, 2004, p.112)

Trabalhava intensamente no CEE, buscando constantemente oferecer o meu máximo conforme os dias passavam. Com ajuda dos meus colegas de trabalho, cada dia se tornava uma oportunidade de aprendizado e crescimento, pois eu estava comprometido em oferecer uma melhor inclusão para os educandos com necessidades especiais. Ao passo de que, me dedicava pelas tardes e manhãs no CEE e de noite chegava a casa de meus pais e conversava por horas com Suzane.

Conforme o contato com minha amiga Suzane aumentava, desenvolvemos uma relação afetiva, nisto ela me convidou a conhecer a cidade de Manaus. Como qualquer pessoa em sã consciência, eu tinha meus receios quanto a ver alguém pessoalmente na qual descobri pela internet, conversei muito com meus pais e com Suzane (via chamada de vídeo) a respeito da viagem.

Eu estava ansioso para conhecer a cidade devido as falas positivas de Suzane, principalmente no que consistia o âmbito profissional e acadêmico. Então juntei forças e decidi fazer a viagem para conhecer Suzane, sua família e a capital Amazonense, assim como, posteriormente ela também viajou para Brasília para conhecer o local e minha família.

Conforme nos relacionamos ela me questionava sobre minhas perspectivas de vida e ao relatar sobre meu trabalho no CEE e desejo de formação ela indagou se eu não tinha interesse em fazer Pedagogia. Nesta época, eu apenas ponderava sobre a

realização do curso de Pedagogia, por desconhecer que é uma área muito ampla. Entretanto, conforme minha companheira me explicava sobre sua função, fui me aproximando dos conceitos básicos da área da Educação, neste contexto, contamos com as contribuições de Pinto:

Cada uma das ciências (da Educação) parte do seu objeto de investigação específico, chega ao fenômeno educacional, interpreta-se e retorna ao seu objeto de origem. A Pedagogia, ao tomar a educação como objeto específico de estudo, de modo diferente, parte do fenômeno educativo, busca nas diversas ciências aos elementos teóricos que possibilitem o alargamento de sua compreensão e retorna ao próprio fenômeno educativo. (Pinto, 2006, p.17)

Meu interesse pela Pedagogia cresceu significativamente ao passo que entre viagens de visita e aproximação com Suzane, ela me fez o convite de ir morar com ela na capital Amazonense, com intuito de me ajudar a me encontrar na perspectiva acadêmica e profissional.

Eu tive que ponderar muitas coisas antes de tomar uma decisão, entre elas a distância que eu teria dos meus pais, adaptação cultural, questões práticas de vida e financeira e principalmente o fato de que eu gostava muito da minha função de ESV. Infelizmente minha atuação como ESV não condizia com a expectativa de vida financeira que eu gostaria de ter, além do fato de não ter vínculo empregatício e direitos trabalhistas legais. Pois conforme Bezerra (2020) muitas vezes os profissionais de inclusão são inseridos dentro da escola pública, fora do âmbito do serviço público e somente prestam serviços por tempo provisório e determinado.

Devido ao meu íntimo desejo de perseguir uma graduação, eu me decidi em cursar Pedagogia, ainda mais considerando o fato de estar junto a uma Pedagoga, que poderia me auxiliar no meu percurso. Acabei tomando outra decisão difícil na vida que causaria uma reviravolta, me mudei para Manaus a fim de ir atrás dos meus sonhos e viver com minha companheira.

Minha mudança para Manaus foi um ponto de virada crucial, que desempenhou um papel fundamental na minha formação como pessoa e pedagogo em formação. Antes dessa mudança, atuava como ESV no CEE, onde aprendi muito sobre as necessidades educacionais especiais dos indivíduos. No entanto, ao me mudar para Manaus, fui exposto a um novo ambiente cultural, o que ampliou meus horizontes e fortaleceu meu desejo de me dedicar ao curso de pedagogia.

Nóvoa (2017) infere que o educador não lida apenas com o conhecimento, mas que na verdade ele lida com o conhecimento em diversas situações de relação humana. Deste modo, o professor, educador e pedagogo necessitam conhecer a pedagogia em si. Porque irão trabalhar com conhecimentos que são o objeto de estudo e prática de suas próprias profissões, de tal modo que a pedagogia deve ser valorizada dentro e fora do campo de formação de professores.

Nesta perspectiva, ao refletir sobre o meu percurso nos últimos anos, desde o início da graduação, percebi um notável desenvolvimento pessoal. Desde as primeiras inseguranças geradas pela ansiedade, até as experiências enriquecedoras oriundas do convívio com as pessoas que seriam meus colegas de turmas, professores e amigos de vida. Através destas experiências, adquiri conhecimentos mais consolidados e amadurecimento profissional, pessoal e acadêmico.

#### **1.4. Educação e os caminhos pedagógicos: Uma jornada de formação**

Minha adaptação a capital Amazonense não foi fácil, tive de aprender a lidar e conviver com vários fatores divergentes de Brasília, tais como o clima equatorial úmido, cultura e estilo de vida, distância e ausência da minha família, infraestrutura no que tange o trânsito e distribuição regional-demográfica como bairros e Municípios (não existe tal divisão no Distrito Federal), burocracia e serviços públicos.

É válido afirmar que tais aspectos não necessariamente são impeditivos, mas me exigiu um esforço mental colossal, para resultar em minha capacidade adaptativa e de planejamento. Não obstante, também necessitei lidar com dois fatores decisivos muito importantes em minha mudança de estado, empregabilidade e graduação. Para meu alívio espiritual, a priori, consegui passar no vestibular para cursar Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Conforme eu dialogava com minha companheira ela me relatou e recomendou cursar minha formação inicial na UEA, pois ela é egressa da instituição, além de neste momento atuar como Pedagoga da rede pública. Decidi dar início ao meu caminho de aprendizado acadêmico na UEA e desde o primeiro contato já me encantei com a universidade, seu aspecto estrutural me fez sentir acolhido e as disciplinas do curso me encantavam. Pois eu sabia, que ali era uma universidade que formava

professores, que faria conexão entre escola e universidade, que nas contribuições de Nóvoa:

No caso da formação inicial, que deve ser da responsabilidade da universidade, é necessário assegurar uma maior presença dos professores e das culturas profissionais docentes, bem como um maior diálogo com as realidades escolares e sociais. Na universidade há teoria e prática. Nas escolas, há prática e teoria. (Nóvoa, 2017, p. 26)

Minha rotina na UEA exigiu que eu adaptasse minha nova vida. A instituição fica, de certa forma, longe da minha residência, além do fato de que, me gerou muita estranheza o curso ser predominantemente frequentado por mulheres. Pois até então, eu não sabia deste fato, e salvo algumas conversas com minha companheira, eu não sabia de maneira aprofundada do que se tratava o curso. Meu objetivo primário era terminar a graduação em Pedagogia, para poder me especializar em Educação Especial posteriormente.

O site da UEA (2023) aponta que o curso de Pedagogia propicia a formação de professores para exercer suas funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e também podem exercer suas funções em serviços de apoio escolar, nas quais sejam necessários conhecimentos pedagógicos.

Compreende-se, no que se refere o campo de atuação, do egresso do curso, é uma área ampla e que contempla a perspectiva de diversas áreas da Educação. Nesta perspectiva o saber profissional proporcionado pelo curso era gratificante, sendo a Universidade um espaço transformador no qual eu me desenvolvia, pois conforme Nóvoa pontua:

Por vezes, entende-se erradamente o princípio fundamental da universidade, a ligação entre o ensino e a investigação. Não se trata, obviamente, de considerar que um professor apenas deve ensinar aquilo que investiga. Trata-se, isso sim, de compreender a importância da fertilização mútua entre o ensino e a investigação. (Nóvoa, 2019, p. 62):

A Pedagogia precisa desenvolver concepções de relações educacionais atrelada as relações humanas entre docentes e discentes, através da construção coletiva e contínua do conhecimento. De modo que gere a compreensão e prática da educação, conciliando teorias, métodos e estratégias de promoção de um melhor ensino e aprendizagem.

Deste modo, durante meus primeiros meses na UEA, cursando pela manhã, surgia em meu interior a vontade de voltar a atuar no chão da escola, principalmente com educação especial. Meus dias eram marcados por intensa dedicação ao curso e procura de trabalho ou estágio remunerado em alguma escola. Lembro-me bem de enviar currículos para várias escolas da capital, incluindo uma instituição criada para atender estudantes PcD.

Confesso que, apesar de tímido e acanhado no começo, fiz amizade com muita facilidade com as colegas de turma. O que estranhei, pois devido a minha aparência e vestimentas, achei que sofreria preconceito e isolamento por parte das outras pessoas. Talvez pelo fato de eu ser mais velho que os demais discentes do curso e contar com algumas experiências de vida para compartilhar, isso me aproximou de algumas jovens, no qual até hoje estabeleço um vínculo de amizade.

Em uma das conversas que tive, acabei dizendo que sentia necessidade de voltar a atuar em escolas, principalmente porque eu vinha de experiências trabalhando com educação especial. Uma das minhas novas amigas, Tulipa<sup>5</sup>, me informou que estagiava como mediadora escolar na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e disse que sua função era exatamente a de oferecer suporte para crianças PcD inclusas nas escolas municipais. Bezerra (2020) afirma que muitas vezes os profissionais de apoio escolar, são contratados como estagiários através dos cursos de licenciaturas, nisto inclui-se o mediador escolar da SEMED.

Recordo-me de receber um choque emocional no momento em que percebi que poderia retornar a atuar novamente com Educação Especial. Indaguei a colega como eu poderia entrar no programa de estágio e Tulipa, educadamente, me informou sobre todos os detalhes de contratação.

No dia seguinte, eu fui pessoalmente na gerência de Educação Especial da SEMED para levar meu currículo e poucos dias depois recebi um e-mail de convocação para uma entrevista. Durante a entrevista me foi questionado sobre a experiência com educação especial, visto que tal fato estava evidenciado em meu currículo. Respondi os questionamentos e a entrevista correu muito bem. Após alguns dias, fui lotado em uma escola nas proximidades da minha universidade, dando assim início às minhas atividades.

---

<sup>5</sup> Nome fictício atribuído a uma das minhas novas amigas, sendo ela responsável por me indicar uma nova oportunidade de atuação dentro da escola.

Fica evidente como o curso de Pedagogia se tornou uma ponte para ingressar novamente na educação especial, desta vez não mais como Educador Social Voluntário e sim como estagiário. Apesar da variação da função, reitero que os trabalhos possuíam algumas semelhanças, considerando que o público alvo são PcD na perspectiva da inclusão escolar.

A Lei Nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), especificamente no art. 62, define que, “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-à em nível superior, em curso de licenciatura plena[...]”. Deste modo, a formação inicial das licenciaturas, ofertadas pela educação de nível superior, torna-se um pilar essencial para se atuar como educador na educação básica.

Ao ingressar no curso de licenciatura, percebi que estava embarcando em mais uma etapa transformadora de profundo aprendizado, que me proporcionaria as bases necessárias para compreender a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e do desenvolvimento educacional.

Nisto reforço a importância da formação acadêmica na busca de uma identidade profissional, pois de acordo com Pooli e Ferreira (2017, p.23): “A identidade passa a ter uma centralidade nas configurações dos sujeitos, não em um sentido único e definitivo, mas sempre se constituindo, modificando, distinguindo e identificando.”, desta forma enquanto eu buscava assimilar os conteúdos teóricos das disciplinas e colocá-los em prática na minha nova função como estagiário da SEMED.

Memorizo o fato de que, fui para a escola designada para entregar meu documento de encaminhamento e fui muito bem recebido pela gestora e equipe de secretaria. A gestora me informou que estavam de recesso escolar e não havia crianças na escola, mas que na próxima segunda-feira o recesso acabava e eu iria conhecer o estudante para qual fui designado.

Confesso que passei o resto da semana muito ansioso para dar início a minha nova atribuição como mediador escolar. Informo que, tal terminologia de mediador escolar era utilizada de maneira coloquial pelos funcionários da escola, e que na literatura equivale ao apoio escolar, visto que segundo Pletsch (2015) o profissional de apoio escolar torna-se um mediador de referência para o aluno com deficiência inserido no contexto escolar.

Antes mesmo de me familiarizar com a criança que receberia minha assistência, estava ciente da necessidade de unir meus esforços, combinando os conhecimentos adquiridos na universidade com minha experiência prévia no CEE.

Essa abordagem permitiria que eu proporcionasse o melhor atendimento à criança, ajustando-me de maneira eficaz às suas necessidades.

Finalmente chegou o dia no qual eu conheci a criança com a qual eu trabalharia, Pietro<sup>6</sup>, um garoto com TEA que se mostrava bastante acanhado. Os primeiros dias foram difíceis para me adaptar, eu não tinha vivências em uma sala de 3º ano do Ensino Fundamental e é válido informar que Pietro era um estudante incluso. Ou seja, eu e Pietro ficávamos sentados no fundo da sala, acompanhado de olhares curiosos de outras crianças.

Nada disto me impediu de realizar meu trabalho e tentativas de aproximação com Pietro, que contra minha própria expectativa, correspondia positivamente as minhas interações. Conforme as semanas avançavam eu me sentia realizado por estar conseguindo conciliar meu curso com minha nova atribuição, desenvolvi bom relacionamento com a equipe escolar que, a primeiro instante, também haviam enxergado com estranheza minha aparência e um homem com minha constituição estar atuando com crianças tão novas.

Este estranhamento foi facilmente superado com minha determinação, educação e respeito para com todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da escola. Reforço minha prática nas palavras de Nunes *et al.* (2020) que afirma que o trabalho do apoio escolar é de sensibilizar toda a comunidade escolar, promovendo a aceitação do que é diferente e valorizando a inclusão, isso incluía tanto Pietro quanto a mim mesmo.

Em meados da metade de 2019 eu me encontrava em plena epifania e satisfação. Minha vida não poderia estar melhor, eu afirmava que estava em pleno “alinhamento estelar”, pois aparentemente tudo se encaminhava para a mais pura perfeição. Meu trabalho com Pietro avançava a passos largos, eu criava muitas atividades artesanais e/ou lúdicas para que ele se desenvolvesse pedagogicamente, e recebia um retorno gratificante por parte dele.

Oliveira (2015) reitera que quando a criança percebe e interage com os estímulos do meio, através de seus sentidos, ela está experienciando, ampliando e desenvolvendo suas funções intelectivas. Portanto, através destes estímulos eu percebia o crescimento de Pietro, que demonstrava afeto, alegria, e principalmente

---

<sup>6</sup> Pietro trata-se de um nome fictício atribuído ao garoto que eu ajudava diariamente, na perspectiva da inclusão, em uma escola municipal nas proximidades da minha universidade.

desenvolvimento enquanto realizava atividades com artefatos lúdicos produzidos por mim. Tais atividades eram constituídas às vezes com intuito pedagógico ou simplesmente como brincadeira livre para Pietro como recompensa por ter realizado algo solicitado previamente. Nesta perspectiva, Ranyere e Matias resgatam que:

São as interações sociais, o contato com outras pessoas, que tornam a brincadeira possível para a criança. Esta, por sua vez, age de acordo com o sentido que dá aos brinquedos e às práticas de brincar. O brincar, dessa forma, é necessariamente constituído a partir da interação do indivíduo com o seu contexto. Pode-se dizer, então, que é um ato cultural, já que, quando brinca, a criança deve apropriar-se de significações já existentes em seu meio e, ao fazê-lo, também são capazes de transmiti-las para seu ambiente social. (Ranyere e Matias, 2023, p.2)

Destaco novamente a importância da minha graduação no processo de inclusão com Pietro, pois o curso tornou-se um marco significativo em meu processo de desenvolvimento como pessoa, estagiário e acadêmico. Através dos conhecimentos específicos proporcionados pela Universidade, eu compreendi melhor o que se tratava o TEA e pude entender essencialmente as especificidades educacionais de uma criança incluída.

Além disso, melhorei minhas habilidades de comunicação e adaptação, que me ajudaram a estabelecer uma relação de confiança e efetividade nas interações com o garoto. Tal experiência não só impulsionou meu crescimento profissional, mas também me transformou, ampliando minha compreensão sobre a diversidade humana e meu desejo de contribuir na vida de crianças como Pietro.

Pois enquanto eu atuava, na perspectiva da inclusão com Pietro, também me transformava e aprendia melhores formas de interagir com crianças no contexto educacional. Uma vez que a licenciatura em Pedagogia da UEA, apesar de ter uma grade curricular ampla, constitui em sua grade muitas disciplinas voltadas para Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, público voltado para atuação com crianças, com exceção da disciplina de Educação de Jovens e Adultos, que orienta o trabalho nessa modalidade de ensino, assim como a modalidade de Educação Especial.

Nesse sentido, é importante ressaltar que eu nutria muitos sentimentos positivos sobre a escola em que estava atuando, mantendo sempre um bom relacionamento com todos que eu pudesse. Na universidade não era diferente, minhas notas eram sempre acima de nove, eu me interessava muito nas disciplinas e tinha

total foco em continuar me desenvolvendo pedagogicamente, também havia estreitado meus laços com as amigas do curso.

No aspecto familiar eu me sentia muito contemplado, pois mesmo estando distante dos meus pais, eu tinha o companheirismo e ajuda da minha esposa. Os dias passavam rápido e tudo parecia fluir naturalmente para meu sucesso acadêmico e profissional.

Entretanto, tal período não durou tanto quanto eu queria, pois o mundo veio a sofrer com a Pandemia do COVID-19, que se trata de um vírus que apresentava sintomas gripais e pode levar a óbito. Na época tudo estava muito incerto, não existia vacina e o contágio era acelerado, o vírus que surgiu na Ásia em questão de meses atingiu a capital Amazonense de forma avassaladora, conforme explicita Salino e Ribeiro:

No início de abril de 2020, o MS declarou à imprensa em entrevista coletiva que trabalhava com a possibilidade de o Amazonas ser o primeiro estado a ter a rede de saúde pública entrando em colapso em razão do novo coronavírus. Reforçado pela comunicação da Secretaria de Saúde do Estado (SES/AM), foi informada a situação de Manaus e as reais chances do colapso no sistema de saúde nos dias vindouros – além da constatação de que os números de leitos hospitalares estavam aquém da demanda, pois, no hospital público referência para assistência a pacientes com Covid-19, Delphina Aziz, dos 50 leitos, 45 deles estavam ocupados com pacientes entubados devido ao novo coronavírus. Assim, no dia 8 de abril de 2020, Manaus atingiu a pior marca do País em número de contaminados pela Covid-19 a cada 100 mil habitantes (hab.); e, no mesmo mês, entre os dias 19 e 25, alcançou um aumento de 360% no número de mortes após a disseminação descontrolada do vírus. (Salino; Ribeiro, 2023, p. 201)

Junto com o vírus desencadeou-se também uma onda de terror e medo nacional, impulsionada por notícias alarmantes sobre quantitativo de mortes e infecções diárias, apoiada de diversos depoimentos, vídeos e falas apocalípticas oriundas das redes sociais. O setor da saúde e educação, assim como diversos outros, foram afetados. Muitas pessoas ficaram desempregadas, pois várias atividades trabalhistas tiveram de ser pausadas, para evitar um contágio mais avançado.

Muitas companhias adotaram como estratégia de manutenção de seus negócios a demissão de funcionários, uma vez que não estavam aptas a manter o quantitativo de quadros de funcionário no começo do período pandêmico do covid-19. De modo que mais 14 milhões de brasileiros ficaram desempregados no ano de 2021 (Calça *et al.*, 2021).

Neste aspecto, as empresas não estavam aptas a pagar seus funcionários para que estivessem em casa sem produzir, resultando em demissões. Bem, comigo não foi diferente. Como minha função de apoio escolar era um estágio, que apesar de remunerado não possuía vínculo empregatício, acabei sendo dispensado de meus serviços.

Apesar de trabalhar em escola pública, minha função era de estagiário estabelecido via contrato. Deste modo acabei sendo desligado do programa e não poderia mais estar acompanhando Pietro. Este não foi o único impacto negativo da pandemia em minha vida, além do âmbito profissional, na universidade as aulas foram suspensas por alguns meses para somente voltar em formato remoto, que dificultava meu desempenho acadêmico. Neste aspecto, *Passos et al.* reforça que:

No cenário de pandemia, a partir de recomendações de instituições globais de saúde, medidas restritivas foram adotadas. Uma delas foi o fechamento de unidades de ensino com o objetivo de conter a mobilidade da população e, por conseguinte, a disseminação do novo coronavírus. A interrupção do funcionamento dos serviços educacionais levou a uma adaptação do ensino por meio de formas alternativas de educação, e, nesse sentido, o modelo de ensino remoto emergencial (ERE) tornou-se essencial para a continuidade das atividades por meio da utilização de tecnologia digital. (*Passos et al.* 2023, p.2)

Não obstante, tive perdas familiares neste período, problemas de saúde e instabilidade financeira. Eu fiquei abalado com tudo que aconteceu e até hoje tenho carrego sequelas emocionais e físicas deste período turbulento. Apesar de me cuidar mentalmente, sofro com ansiedade e tal característica foi atenuada, pois conforme *Santos et al.*:

No decorrer do período de distanciamento social, a preocupação quanto à duração do mesmo, medos relacionados à infecção, frustração ou tédio por conta da diminuição do contato social, falta de suprimentos e de informação quanto ao andamento da pandemia, além de futuros problemas financeiros são fatores de estresse que têm grande influência no humor dos indivíduos. Esses fatores, isolados ou conjuntamente, podem ser geradores de estresse entre os indivíduos. (*Santos et al.*, 2021, p.11)

No que se refere à minha formação, apesar de estar frequentando assiduamente as aulas remotas, eu sentia a necessidade de estar presencialmente na universidade para compreender melhor o que os professores comunicavam. O ambiente educativo que uma universidade pública tem e transmite, nos inspira a ser

mais proativos nos estudos, enquanto em minha residência existem diversos fatores que podem me desconcentrar.

As aulas remotas, em grande parte, eram dificultadas por falhas técnicas de informática e os professores precisavam adequar suas metodologias para conseguir ministrar suas aulas. Apesar das dificuldades, tentei manter meu empenho e foco na minha vida acadêmica, mesmo sentindo que meu rendimento pessoal foi afetado. Compreendo hoje que, foi muito difícil estabelecer rotinas de estudos na perspectiva do ensino remoto e reconheço também o esforço gigantesco realizado por mim, para conseguir administrar as disciplinas.

Considerando isto, Passos *et al.* (2023) em seus estudos evidenciaram que a maioria dos discentes da graduação que tiveram que migrar para a modalidade de ensino remoto tiveram impactos negativos em sua formação devido às dificuldades da modalidade.

Passos *et al.* (2023) em sua pesquisa e coleta de dados com universitários da UEA sobre ensino remoto emergencial, evidenciou que das 480 pessoas pesquisadas, que utilizavam os ambientes virtuais para estudos durante a pandemia, 41,9% estavam insatisfeitos com essa modalidade de ensino, 45,7% mencionaram que as avaliações foram ineficientes para o aprendizado, e 37,9% não se sentiram apoiados pelo professor para resolver problemas de acesso à internet.

Na realidade do meu curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, era costumeiro ouvir reclamação de colegas sobre problemas de conexão, falta de dados móveis, ausência de aparelhos, problemas para escutar o que o professor estava dizendo entre outros.

Mediante as dificuldades do ensino remoto, eu precisava continuar minha graduação e conforme a vacina passou a ser distribuída em Manaus, em meio a crises de oxigênio e caos político, minha perspectiva era de que o cotidiano caminhasse a uma tentativa de normalização.

Após alguns meses desempregado recebi uma oportunidade de estágio em uma instituição de formação tecnológica, para atuar no planejamento acadêmico. Reconheço hoje que, mesmo não gostando da vaga pelo fato da bolsa ser inapropriada e o serviço deveras burocrático, eu me desenvolvi novamente como pessoa e acadêmico, pois passei a lidar com documentos e planos de cursos, que necessitavam de um olhar pedagógico apurado para avaliação do que deveria ser incluído e alterado.

Nisto, foi necessário que eu explorasse documentos oficiais do governo como Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Base Normal Comum Curricular (BNCC) e Referencial Curricular Amazonense (RCA), que também serviriam como objeto de estudo para produções acadêmicas posteriores.

Deparei-me com a necessidade imperativa de realizar análise documental voltada a estes documentos oficiais pois era uma demanda diária que surgia enquanto eu desempenhava minhas responsabilidades no âmbito de estagiário do planejamento acadêmico. Era fundamental que eu utilizasse esses documentos como alicerce para a elaboração e ajuste criterioso dos planos de cursos que eram construídos no meu setor. Após a construção e alteração dos planos, os documentos eram avaliados por outros profissionais antes de serem, de fato, implementados.

Destaco a importância de precisar desenvolver um olhar mais atento a tais documentos governamentais, uma vez que eles demonstram ser fundamentais para análise sobre quais diretrizes norteiam a educação brasileira atual, bem como as especificidades e contextos dos quais os documentos se baseiam. Os estudos realizados destes documentos, foram e são essenciais para minha constituição como pedagogo em formação.

Em relação a minha atuação como estagiário no planejamento acadêmico, a minha rotina era estabelecida por aulas remotas pela manhã, estágio pela tarde e estudo das disciplinas a noite. Dessa forma passei alguns meses atuando nesta instituição, que particularmente não me agradava, mas era minha única opção no momento.

Eu ansiava em poder voltar para a escola e principalmente retomar minhas atividades como apoio escolar para PcD. Nisto, refletimos a partir do que Nóvoa (2019) afirma quanto a formação, de que ela nunca está pronta e acabada, que ela é um processo contínuo ao longo da vida, desta forma eu tinha consciência em que eu me encontrava em um período de transição e que logo estaria de volta aos trilhos do meu objetivo de atuar em instituições escolares.

Como pedagogo em formação, meus anseios determinavam que uma hora ou outra eu estaria inserido dentro do contexto escolar. E após alguns meses recebi uma proposta para trabalhar trinta horas semanais em uma das escolas mais tradicionais de Manaus.

Considero que fiquei muito feliz com a oportunidade de voltar para escola. Além do pagamento ser razoável, a instituição ficava a poucos minutos da minha

universidade e eu conhecia algumas pessoas que estagiavam lá. Apesar de não saber do que se tratava a vaga em questão, eu estava esperançoso sobre como poderia aplicar meus novos conhecimentos acadêmicos junto a minha prática como profissional.

Franco (2008) afirma que os saberes pedagógicos são construções cognitivas, realizadas a partir da prática cotidiana, e eu organizava tais saberes conforme adquiria experiências em estágios atrelados às vivências pedagógicas obtidas graças ao meu convívio acadêmico na UEA. De forma até inconsciente, nós aplicamos nossos saberes e técnicas adquiridas no decorrer da vida, em nossa práxis pedagógica. Nisto, eu pretendia exercer uma boa prática na minha próxima função.

Comecei nos primeiros meses de 2022 a trabalhar nesta nova escola. Era diferente de todas as que já havia atuado anteriormente, em diversos aspectos. Têm uma estrutura colossal com diversas quadras, pátios, banheiro, vasta biblioteca, salas de informática, coordenações e tudo mais que uma boa escola privada deveria ter.

Nesta instituição atendem diversas modalidades da Educação, desde a Infantil até mesmo a Pós-Graduação, e eu observava atentamente os estudantes, pois minha função era respectivamente de Auxiliar de Coordenação de Turno (ACT) e eu deveria estar sempre à disposição das demandas dos professores de sala, da coordenação, dos estudantes e eventualmente ficar observando diversas áreas da escola para prevenir quaisquer tipos de problemas ocasionais.

Contemplo hoje que, no meu processo de construção de identidade, a atuação breve que tive nesta instituição juntamente aos conhecimentos que vinha adquirindo na universidade contribuíram para a formação de quem sou hoje, pois me foi proporcionado oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal.

Enfrentando obstáculos, desenvolvemos uma melhor capacidade de adaptação. E a universidade vinha me mostrando cada vez mais possibilidades de evolução, com uma formação digna de ser considerada, pelo menos por mim, como uma das melhores. E nisto, levando em conta os aspectos positivos da formação, Nóvoa contribui que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (Nóvoa, 1992, p. 13)

Sobre minha atuação como ACT, não posso negar que a maior atratividade da vaga resultou de uma conversa ao telefone com uma representante do Recursos Humano (RH) da instituição, na qual fui informado que eu trabalharia 30 horas semanais, exclusivamente de segunda a sexta, no horário estipulado de 13h30 às 19h30. Seguindo a lógica desta conversa eu me planejei para estar disponível a estar atuando na escola, de forma que eu almoçaria na própria universidade no Restaurante Universitário e em seguida seguiria de ônibus, para meu novo trabalho para atuar como ACT.

Reitero a importância do Restaurante Universitário, espaço no qual não apenas obtive acesso a alimentos de qualidade a um preço acessível, mas também pude vivenciar uma dimensão importante do ambiente universitário. As interações com colegas de curso, professores e funcionários durante as refeições contribuíram para a criação de um senso de comunidade e pertencimento, elementos essenciais no meu desenvolvimento como universitário e educador.

Logo no meu segundo dia de serviço, o coordenador alterou meu horário de entrada e saída de 13h30 às 19h30 para de 14h30 às 20h30, tal fato me incomodou profundamente, pois além de ter comprometido todo meu planejamento, eu chegava em casa extremamente exausto quase às 23h00 da noite, pelo fato de morar em outra zona da Cidade e precisar de duas conduções para minha residência.

Além desta primeira frustração, conforme as semanas passavam, percebi que minha função também foi alterada e comprometida, pois de início eu deveria oferecer suporte a alunos, professores, coordenação e ficar à disposição nos pátios da escola como ACT, mas o que ocorreu é que fui remanejado para outro setor da escola, no fim da tarde e início da noite, no qual eu deveria ficar recebendo mochila dos alunos que iam praticar esportes e bem como vigia-los em suas respectivas atividades.

O problema é que, conforme fui informado por diversos colegas, essa minha nova tarefa atribuída era realizada por pelo menos dois outros profissionais, que não eram do meu setor, antes de eu ter ingressado na instituição. Em seguida, também comecei a ser cobrado para comparecer em diversas reuniões aos sábados pela manhã, mesmo já tendo avisado aos meus coordenadores que isso não seria possível pelo fato de ter aulas aos sábados na UEA.

Contudo, em toda esta situação caótica, o que mais me incomodava era a exaustão que afetava negativamente minha vida acadêmica. Minha rotina era acordar

às 05h00 da manhã, ir para universidade e ir direto para o trabalho, no qual saía somente às 20h30 e devido a distância e transporte público, retornar para minha residência somente 23h00.

Devido ao cansaço, eu não conseguia estabelecer uma rotina prática de estudos sem comprometer ainda mais meu sono. E na época em questão, eu tinha de lidar com um dos períodos mais difíceis que tive na UEA, pois eram seis disciplinas contando com o Estágio obrigatório, que por Lei (2008) é definido como requisito de aprovação para obtenção do diploma. Nessa perspectiva, trago Thomé *et al.* que reflete sobre as dificuldades de conciliar trabalho com estudos, e infere que:

Mesmo com outros fatores de influência, a dupla jornada escola-trabalho pode ser desgastante para os jovens, fazendo com que o seu rendimento acadêmico decline, ocorrendo, assim, repetências escolares, que podem acarretar em desmotivação e evasão escolar. (Thomé *et al.*, 2016, p. 107)

A partir de tudo isso, penso que por motivos financeiros eu ainda persistia na instituição escolar privada. Entretanto, ainda cintilava em meu interior a vontade de atuar novamente na escola pública, de preferência na perspectiva da Educação Especial, mas reitero que, nesta altura de 2022 eu ponderava muito sobre minha carreira como Educador, e crescia em meu peito uma dualidade referente a minha escolha de atuação pós formação inicial.

Ao mesmo passo que eu havia me dedicado muito à Educação Especial, florescia também o interesse em ser Pedagogo ou trabalhar na coordenação pedagógica, na medida em que eu conhecia melhor a profissão, pautado nas vivências acadêmicas em estágios, relatos de rodas de conversas das disciplinas e até mesmo relatos de minha companheira. Pinto nos traz a reflexão de que:

O cerne do trabalho do pedagogo escolar é justamente a coordenação do trabalho pedagógico e o trabalho pedagógico, por sua vez, é o núcleo das atividades escolares. Ele representa o conjunto de todas as práticas educativas que se desenvolvem dentro da escola. Envolve, portanto, as atividades docentes e discentes, assim como as atividades dos demais profissionais não-docentes. Entretanto, a referência central do trabalho pedagógico são os processos de ensino e aprendizagem que acontecem em sala de aula. (Pinto, 2006, p. 138)

Evidentemente, no 7º período do curso eu começava a refletir sobre as problemáticas da minha graduação, reconhecendo que a formação de Pedagogos e professores perpassa por vários desafios, entre eles, como destaca Nóvoa (2017) é

de justamente formar um profissional que tenha autonomia e que trabalhe na perspectiva do coletivo, sem individualismo.

E nessa perspectiva minhas frustrações com a escola privada aumentavam, pois sentia que muitos indivíduos ali inseridos criavam atritos e conflitos desnecessários, que poderiam ser facilmente resolvidos em um breve diálogo e/ou planejamento, pautados na prática do trabalho coletivo.

No meu quarto mês trabalhando como ACT, fui convocado novamente para atuar como mediador escolar para PcD pela SEMED. Desta vez, sobre a nomenclatura oficial de Estagiário de Apoio Escolar (EAE), que segundo Manaus (2015) o Município deve considerar às necessidades específicas da Educação Especial, desta forma o profissional EAE deve estar devidamente cursando Pedagogia, Letras, Libras ou Educação Física, para atuar no contexto dos estabelecimentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), no atendimento aos estudantes com deficiência ou TEA regularmente matriculados.

Dentre as principais atribuições do EAE destacam-se: participação do planejamento do professor titular referente a atividades pedagógicas; participação junto ao professor titular de reuniões com pais e/ou responsáveis; mediar o processo de ensino-aprendizado por meio de estratégias funcionais; estimular a autonomia, independência e valorizar as ideias dos estudantes; incentivar a participação efetiva do estudante nas diferentes situações de aprendizagem e interação no contexto escolar, além de auxiliar nas atividades de vida prática como alimentação, higiene e locomoção quando houver necessidade (Manaus, 2015).

No que cerne a atuação do EAE dentro das escolas municipais de Manaus, é o equivalente ao que temos por definição legal como profissional de apoio escolar na Lei Brasileira de Inclusão – Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, entretanto, ainda existe dualidade quanto ao termo, devido ao fato de que os EAE são estagiários em graduação, mediados por contratos temporários, e a ambiguidade se encontra em justamente no fato de poder afirmar que somos profissionais de fato, ou não. Na definição da LBI (Brasil, 2015), entende-se que:

Profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas. (Lei nº 13.146, 2015, art. 3º, XIII, ênfases adicionadas).

Mesmo ciente de que minha atuação seria como estagiário e considerando que agora pretendo seguir carreira como Pedagogo, eu desejava retornar a atuar novamente na SEMED, pois minhas experiências com Pietro ajudaram no meu crescimento como educador, graduando e pessoa.

O estágio inicial da SEMED ajudou a consolidar a minha identidade como pedagogo em formação, comprometido com a inclusão, a equidade e a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes. As experiências práticas oferecidas pelo estágio, aliada aos estudos teóricos da universidade, forneceram as bases para minha trajetória profissional, impulsionando meu crescimento acadêmico e me preparando melhor para enfrentar os desafios e demandas do campo educacional.

Considerando isto, tomei a decisão de trocar de função e pedi desligamento do cargo de ACT na instituição privada para retomar a mais um programa de estágio da SEMED como EAE. Devido ao fato da SEMED priorizar lotar o EAE nas proximidades de sua residência e/ou universidade, acabei recebendo encaminhamento para estagiar em uma escola municipal da zona Sul de Manaus.

Diferentemente da outra vez em que atuei na SEMED como estagiário, agora eu seria encaminhado a uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, conseqüentemente os estudantes que eu acompanharia são adolescentes de uma zona periférica e de baixa renda. Um novo desafio e uma nova etapa surgia.

Entretanto, destaco que eu me sentia mais preparado para atuar novamente na SEMED devido ao acúmulo de conhecimentos e experiências profissionais que obtive. As oportunidades que tive de atuar em outros contextos profissionais, dentro da educação, agregaram minha bagagem, ampliando minha compreensão dos desafios e demandas da área educacional.

Além disso, o curso de Pedagogia proporciona um embasamento teórico sólido, permitindo que eu me aprofundasse em diversas áreas do campo educativo. De tal modo que eu sentia mais segurança em voltar para SEMED como EAE. Tais experiências ajudaram a formar quem eu sou atualmente, conforme pontua Josso:

Começamos a perceber que o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio de mobilização de uma pluralidade de registros. (Josso, 2004, p. 39)

Considerando que o novo estágio como EAE marca uma nova etapa crucial no meu desenvolvimento, o capítulo 2 da monografia, do item 2.2 em diante é dedicado a evidenciar minha adaptação e determinação, atuando em uma sala repleta de adolescentes, incluindo dois estudantes com necessidades especiais que acompanho, Ichigo <sup>7</sup>e Ash.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Nome fictício atribuído ao discente oficial, no qual fui encaminhado para estar auxiliando. Reitero que o nome é devido a um personagem de anime no qual o estudante gosta muito.

<sup>8</sup> Nome fictício atribuído ao colega de Ichigo, que também tem necessidades educacionais especiais. Também utilizei este nome com base em um personagem no qual o estudante tem apego.

## **2. O trabalho pedagógico como estagiário de apoio escolar em uma escola, na perspectiva inclusiva: entrelaçando saberes, interações e práticas na construção de uma identidade docente**

Continuando as narrativas de meu percurso de transformação, estarei abordando neste capítulo uma das partes mais significativas da minha trajetória até o momento: minha atuação como EAE para alunos com TEA. Ao longo dos anos fui acumulando diversas experiências no ramo da educação, sendo que algumas destas experiências foram transformadoras pelo grau de intensidade. Nisto, minha trajetória acadêmica e pessoal também ajudou a moldar não apenas minha carreira, mas também minhas percepções sobre a importância da diversidade e inclusão na educação.

Na perspectiva autobiográfica, minha rota como estagiário se configura como capítulo significativo em minha evolução como indivíduo, profissional e acadêmico. Ao longo dessa experiência, testemunhei meu crescimento pessoal notável, que foi enriquecido pela minha nova compreensão de valores, habilidades e perspectivas que se refletiram não apenas na minha identidade como educador em formação, mas também como ser humano.

A narrativa autobiográfica baseada na minha vivência como EAE para alunos com TEA torna-se importante, pois permite a reflexão aprofundada sobre minha trajetória pessoal e profissional nas áreas demonstradas nesta monografia. De modo que, ao investigar e analisar meus aprendizados, desafios e conquistas durante minha vida, posso compreender melhor meu desenvolvimento como indivíduo e como profissional na área da educação.

Além disso, a pesquisa sobre minha própria vida me proporcionou contemplações valiosas sobre a importância da inclusão na perspectiva educacional e a capacidade que tive de me adaptar de acordo com as necessidades e oportunidades que surgiram. Não obstante, estagiar com alunos com TEA apresenta desafios únicos, mas mediante dedicação, tornaram-se oportunidades de crescimento profissional e pessoal, conforme compartilharei neste capítulo.

Deste modo, ao narrar sobre minhas experiências de vida, contribuiu para compreender como foi feita a minha construção de identidade como profissional. Além de que, refletir sobre como a formação inicial contribuiu para minha atuação como

EAE. E através das conexões que estabeleci, a trajetória como estagiário demonstrou ser um campo fértil para florescimento de múltiplos aspectos do meu ser, que refletem diretamente no ser que sou hoje, transformado pela ação e movido pelo ímpeto de uma melhor compreensão sobre si.

### **2.1. Em busca do autoconhecimento: a Relevância do Método autobiográfico na análise de experiências**

Diversos foram os fatores que contribuíram para minha escolha de voltar a atuar na SEMED, dentre eles posso destacar os principais: a vontade de atuar no contexto da escola pública devido a riqueza de experiências, a familiaridade que tenho no acompanhamento de PcD, a possibilidade de estagiar próximo a minha residência e uma carga horária que não compromete meus estudos.

É válido ressaltar que, na mesma proporção em que eu desejava me dedicar a minha nova função de EAE, também permanecia com convicção meu intuito de ter uma boa performance acadêmica. Com este propósito, eu precisei me posicionar no que refere minha escolha temática de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), nisto ponderava seriamente sobre qual seria minha abordagem metodológica e sobre o que seria o objeto de estudo da minha monografia.

Devido ao meu constante empenho na realização dos trabalhos acadêmicos juntamente ao breve percurso que já tinha na área de Educação Especial, acabei recebendo o convite para ser orientado pela professora Andrezza Belota. Considerando que o curso exige como TCC uma monografia acadêmica orientada por um professor de nossa Unidade, tal convite me deixou feliz e surpreso. Uma vez que sempre cogitava a professora quando ponderava sobre quem queria como orientador.

Conforme as conversas avançaram, decidimos que o método de pesquisa a ser utilizado no TCC seria de pesquisa autobiográfica. Tal escolha mostrou-se crucial para a elaboração da monografia, considerando que esta abordagem permite um mergulho profundo nas minhas experiências como EAE, ESV, apoio escolar e outras funções que tive no decorrer de minha caminhada. Ao compartilhar minha história, trabalho no campo da subjetividade e compreensão das relações que construí como sujeito na sociedade. Nesse contexto, Bragança argumenta que:

A incorporação das histórias de vida como caminho metodológico expõe, para as ciências humanas e sociais, o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-

formal e positivista, reenviando o olhar para uma perspectiva aberta à incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber nesse campo do conhecimento, já que fundada na interação social, no olhar do sujeito. (Bragança, 2012, p.38)

A relevância de adotar uma abordagem autobiográfica concentra-se justamente na análise do meu papel como EAE, e como minhas abordagens foram resultados de uma bagagem acadêmica e profissional adquirida no decorrer de minha caminhada. A metodologia de pesquisa autobiográfica permite refletir e ter uma visão mais ampla e humanizada sobre as minhas próprias necessidades, desafios e conquistas. Além de demonstrar ser um método altamente eficaz para compreender a ampliação do conhecimento de uma pessoa que está em processo de formação e como ela media suas relações.

As histórias centradas na formação são capazes de proporcionar uma melhor compreensão da profundidade que o indivíduo tem em sua própria existencialidade. As narrativas de vida oferecem uma oportunidade para refletir e tomar consciência sobre diversos aspectos da vida e as múltiplas representações de si mesmo, através dos registros que evidenciam como as dinâmicas influenciam a formação do indivíduo (Josso, 2007).

Consequentemente, se tornou atrativo poder compartilhar meu processo contínuo de formação de identidade, dentro do ambiente profissional e acadêmico com diversos indivíduos, cada um com suas próprias experiências, perspectivas e origens. Foi através de interações enriquecedoras que me foi oportunizado construir minha identidade, explorando novas ideias, aprendendo com os outros e desenvolvendo uma visão mais abrangente do mundo. Por essa razão, a escolha da pesquisa autobiográfica tornou-se uma abordagem valiosa para explorar meu processo de formação, pois de acordo com Josso:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. (Josso, 2007, p. 414)

Através dessa jornada reflexiva, posso desvendar como minhas interações com estudantes, colegas, professores e demais profissionais da educação contribuíram para o desenvolvimento de minha identidade profissional e acadêmica, além de me envolver de maneira ainda mais significativa na busca efetiva de uma prática educacional inclusiva.

## **2.2. Um novo território e novos desafios**

Ao longo da minha trajetória como educador em formação, me deparei com um dos maiores desafios e uma das maiores experiências da minha carreira: oferecer apoio escolar para dois alunos com TEA inclusos em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental.

Primeiramente, eu já havia trabalhado com PcD de todas as idades, incluindo adolescentes, como ESV no CEE. Mas a experiência no CEE não era exclusivamente em sala de aula. Em segundo, eu já havia atuado anteriormente pela SEMED no contexto inclusivo dentro de sala de aula, entretanto, nunca com um público de adolescentes que tem em média de treze a quinze anos de idade. Portanto, um novo desafio surgia em minha carreira.

Antes de adentrar nas especificidades da minha atuação como estagiário de apoio escolar, é importante ressaltar que o curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas em seu Projeto Pedagógico, mais especificamente no item 3.3.1 define que:

O curso de graduação em Pedagogia, sob a responsabilidade da Escola Normal Superior, tem como finalidade licenciar educadores para o exercício do magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dispõem-se também a prover, de forma inclusiva na graduação, a qualificação para o exercício de funções em áreas de serviços de apoio e gestão escolar e outras áreas específicas de conhecimentos (educação indígena, educação ambiental, educação de jovens e adultos) necessários ao atendimento das demandas da realidade Amazônica. (Governo do Estado do Amazonas, 2021, p. 67)

No que está relacionado ao campo de atuação do egresso, é evidente que existe um grande leque de oportunidades para estar atuando nas instituições educativas. Todavia, mesmo considerando que a UEA oferece uma base teórica focada na Educação Básica, inclusive tendo em sua grade curricular a disciplina de

Educação Jovens e Adultos e Educação Especial, ainda teve alguns desafios para trabalhar com um público adolescente do 8º ano do Ensino Fundamental.

À vista disso, o curso de Licenciatura em Pedagogia da UEA tem como finalidade licenciar educadores para atuarem na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Também dispõe de forma inclusa na graduação, a qualificação para estar atuando no apoio e gestão escolar, bem como outras áreas de conhecimento como educação indígena, educação ambiental, educação de jovens e adultos e outras áreas necessárias ao atendimento das demandas da sociedade Amazonense (Universidade do Estado do Amazonas, 2021).

Enfrentei um desafio notável ao me ajustar para atuar com o 8º ano do ensino fundamental, considerando que a maior ênfase do curso de Pedagogia é direcionada para Educação Infantil e Ensino Fundamental até o 5º ano. Esta situação representou um momento de aprendizado e adaptação, no qual busquei alinhar as bases conceituais e metodológicas que havia adquirido com a demanda específica que surgiu.

A formação de um pedagogo deve ser abrangente e contemplar diferentes faixas etárias e necessidades educacionais, garantindo que os graduandos estejam preparados para atuar em diversos contextos educacionais. É fundamental que a formação pedagógica inclua conteúdos específicos sobre o desenvolvimento, a aprendizagem e as estratégias de ensino para estudantes com características distintas.

É importante também que a formação dos professores deva ser uma iniciativa que envolva a construção de identidades e saberes profissionais (Nóvoa, 1992) e deva também estar alinhada com as demandas da sociedade, incluindo a diversidade cultural, as mudanças tecnológicas, as questões ambientais e a necessidade de inclusão.

Nesse sentido, é pertinente reconhecer que a formação dos professores precisa abranger a diversidade de faixas etárias e necessidades educacionais presentes na sociedade. A abordagem predominante nos cursos de Pedagogia voltada para o público infantil pode deixar em segundo plano outros públicos atendidos na educação básica, com diferentes necessidades educacionais, o que pode impactar a preparação dos futuros pedagogos para lidar de forma eficaz com um espectro mais amplo de estudantes e contextos educacionais.

É importante buscar um equilíbrio na formação, de modo a abarcar a diversidade de modalidades de ensino, e considerar as diferentes etapas e demandas da Educação Básica, garantindo assim uma atuação mais ampla e preparada para os desafios da docência.

O Conselho Nacional de Educação, na resolução CNE/CP nº1, de 15 de maio de 2006, institui em suas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, especificamente no Art. 6º, referente a estrutura do curso de Pedagogia, que deve respeitar a autonomia das instituições constituindo que:

e) aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial; (Nunes, 2006, p.3)

O curso de Pedagogia oferecido pela UEA se destaca pela abrangência dos componentes curriculares que compõe o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que busca por suprir as demandas da formação em Pedagogia e da sociedade Amazonense. No entanto, a ausência de uma definição clara nas diretrizes de 2006 para o curso de Pedagogia gerou desafios adicionais em minha atuação profissional. Especificamente, ao me deparar com a tarefa de trabalhar com alunos do 8º ano do ensino fundamental, enfrentei dificuldades decorrentes da lacuna nas diretrizes, que poderiam ter fornecido orientações mais específicas para lidar com esse público.

As Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Pedagogia (Brasil, 2006), instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, enfatizam a aplicação de conhecimentos para o desenvolvimento de indivíduos de todas as faixas etárias. Segundo o 6º artigo do documento oficial.

Tal fator é evidenciado no Art. 6º da Resolução CNE/CP Nº1, de 15 de maio de 2006 (Brasil, 2006), que diz que a estrutura do curso de Pedagogia, constituir-se-á de:, mais especificamente no item I – e): “aplicação, em prática educativas de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial;.

Entretanto, é notório que, na prática, a formação pedagógica prioriza as séries iniciais do Ensino Fundamental e a Educação Infantil, público constituído majoritariamente por crianças, com exceção da modalidade de Educação Jovens e

Adultos, que apesar de ser frequentada por jovens e adultos, também trabalha as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Considerando o Estatuto da Criança e do adolescente, segundo a Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990 (Brasil, 1990) que estabelece em seu Art. 2º que: “Considera-se criança para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade”, é válido reforçar que a educação básica não é constituída apenas do público infantil, mas também deve atender jovens e adolescentes.

Informo que, no decorrer de minha graduação, tive experiências marcantes e significativas nas disciplinas de Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Entretanto, elas seguem a ementa da grade curricular do curso de Pedagogia, estabelecido pelo Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior, que estabelece uma carga horária de 60 horas para ambas as disciplinas. Ambas as disciplinas foram fundamentais para minha formação, considerando a complexidade das demandas e desafios específicos que me surgiram como EAE.

O contato inicial com essas disciplinas me motivou a uma busca pessoal sobre uma melhor análise e estudos sobre ambas modalidades. Tomei essa iniciativa partindo da ideia de que devo me desenvolver e construir minha identidade profissional a partir das necessidades que surgem em meu cotidiano. Essa busca por uma evolução pessoal também constitui como momentos chaves em nossa formação, como pontua Pinto:

Em relação à sua formação, é importante que o pedagogo escolar, antes de ser um especialista na educação escolarizada, seja um estudioso da educação de um modo geral e que tenha clareza das articulações entre os processos educativos escolares e aqueles que acontecem em outras instâncias sociais. (Pinto, 2006, p. 86)

Não obstante, sobre a formação dos professores também se torna importante considerar os impactos que as diretrizes podem ter na trajetória dos profissionais da Educação. As diretrizes têm como foco central estabelecer parâmetros para formação docente, promovendo uma abordagem que contemple os paradigmas contemporâneos da educação.

Nisto, destaco a Resolução CNE/CP Nº 2 de 20 de dezembro de 2019 (Brasil, 2019), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de

## Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, especificamente no Capítulo II:

Art. 5º A formação dos professores e demais profissionais da Educação, conforme a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), para atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, tem como fundamentos:

- I. a sólida formação básica, com conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;
- II. a associação entre as teorias e as práticas pedagógicas; e
- III. o aproveitamento da formação e das experiências anteriores, desenvolvidas em instituições de ensino, em outras atividades docentes ou na área de Educação.

Parágrafo único. A inclusão, na formação docente, dos conhecimentos produzidos pelas ciências da Educação, contribui para a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem, devendo-se adotar as estratégias e recursos pedagógicos, neles alicerçados, que favoreçam o desenvolvimento dos saberes e eliminem as barreiras de acesso ao conhecimento. (Brasil, p. 2-3, 2019)

Tal artigo enfatiza as necessidades de uma formação consolidada para os professores e profissionais da Educação, que inclua conhecimentos sociais e científicos relevantes para o exercício de suas atividades. Além disso, destaca a importância da integração entre teorias e práticas pedagógicas, permitindo que os educadores apliquem efetivamente os conhecimentos teóricos em sua prática diária.

O artigo 5º das Diretrizes (Brasil, p. 2-3, 2019) também menciona que a formação dos professores e demais profissionais da Educação além de atender às especificidades do exercício de suas atividades, também devem cumprir com os objetivos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, sendo as etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Enquanto as modalidades da educação básica pertinentes a esta discussão, destaco a Educação Especial.

A análise das “Diretrizes Nacionais Curriculares da CNE/CP Nº 2 de 20 de dezembro de 2019” (Brasil, 2019) e “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia” (Brasil, 2006) revela uma lacuna significativa em relação a uma abordagem mais específica da modalidade de Educação Especial. Embora esses documentos sejam fundamentais para orientar o currículo e as práticas pedagógicas em diferentes níveis educacionais, é notável a falta de uma atenção mais aprofundada e específica em relação aos desafios e necessidades dos estudantes com deficiências ou necessidades especiais.

A ausência de uma abordagem mais robusta da Educação Especial nessas diretrizes pode impactar negativamente a formação de pedagogos e professores, tornando-os menos preparados para lidar com a diversidade de necessidades presentes em uma sala de aula inclusiva, caso a instituição de formação não inclua em sua grade disciplinas voltadas para esta modalidade de ensino.

As Diretrizes Nacionais Curriculares da CNE/CP Nº 2 de 20 de dezembro de 2019 (Brasil, 2019), apesar de apontar um avanço na busca pela valorização da formação dos professores e melhoria da qualidade da educação no Brasil, pode apresentar, no entanto, alguns desafios para efetivação dessas diretrizes na prática.

Apesar da formação inicial dos professores ser um aspecto abordado diversas vezes nas diretrizes, reflito que a disponibilidade de recursos e oportunidades de desenvolvimento profissional pode variar significativamente entre as redes de ensino e as instituições de formação de professores. Neste aspecto, é necessário avaliar sobre como promover uma formação inicial colaborativa, acessível e de qualidade, que esteja alinhada com as demandas atuais da educação e que contribua para o aprimoramento das práticas pedagógicas.

Em virtude dos aspectos citados, reconheço que os desafios que me surgiram enquanto EAE tornaram-se verdadeiras oportunidades de crescimento e aprofundamento individual, pois me dediquei à pesquisa e diálogos com os profissionais da Escola Municipal e SEMED para que fosse possível contribuir de maneira mais apropriada no desenvolvimento de Ichigo e Ash. Almejo continuar superando os desafios que surgem e viso continuar praticando a inclusão verdadeira e significativa, para continuar me desenvolvendo como profissional, EAE e pessoal.

### **2.3. Reflexões sobre o trabalho como Estagiário de Apoio Escolar**

Minha trajetória nesse contexto desafiador foi marcada por algumas problemáticas que envolveram a necessidade de autoformação continuada da minha parte, para auxiliar na mediação dos conteúdos juntamente ao professor titular de cada componente curricular. Além de um diálogo contínuo sobre minha função na escola com os demais funcionários, que não entendiam o que um Estagiário de Apoio Escolar faz.

Conforme elucidado no item 1.4. do capítulo anterior, dentre minhas principais atribuições como EAE destaco: participação do planejamento do professor titular no

que se refere às atividades pedagógicas e mediar o processo de ensino-aprendizagem utilizando de estratégias funcionais e práticas para estimular a autonomia do estudante. Reforço que, não está entre as atribuições dos estagiários substituir os professores titulares, ou mesmo anular sua atuação durante os tempos de aula.

Conseqüentemente, por vezes foi preciso dizer aos funcionários da escola, quais eram minhas atribuições e funções como EAE dentro do ambiente escolar, agindo como o que Antunes e Pinho (2022) destacam como função de bidocência: dois docentes compartilhando experiências e mediando saberes dentro da sala de aula, uma vez que direciono uma atenção mais exclusiva aos dois adolescentes que acompanho, enquanto o professor conduz as aulas.

Além dos professores, alguns funcionários da escola também não compreendiam de fato a atuação do estagiário de apoio escolar; era comum que me chamassem de professor Vitor, mesmo eu não tendo finalizado a graduação, pois de acordo com palavras deles “eu era o professor dos alunos especiais”.

É interessante que através da minha atuação como EAE, a escola foi gradualmente adquirindo novos olhares e percepções sobre como se trabalhar com estudantes inclusos, pois observando meu cotidiano com Ichigo e Ash, notaram que é possível oferecer atendimento a alunos com TEA sem causar nenhum tipo de constrangimento a eles. Considerando o fato de que alguns funcionários substituíram o termo “os meninos especiais” pelo nome, de fato, dos estudantes.

Para tornar o ambiente escolar mais inclusivo, comecei a me relacionar melhor com a equipe escolar, compartilhando minhas visões e conhecimentos sobre as necessidades de Ichigo e Ash. Desta forma, todos cooperaram para desenvolver estratégias adaptativas que beneficiam não apenas os estudantes que acompanho, mas a escola como um todo, considerando que em outras turmas também tem PcD incluídas no contexto escolar.

Na tarde de segunda-feira, 24 de abril de 2023, encontrei-me imerso em um momento que se mostrou significativo para minha pesquisa e atuação como EAE. Nessa respectiva data, como fiel guardião de meus pensamentos, registrei no meu diário de campo um episódio que viria a moldar significativamente o sentido de uma aula de leitura.

Nessa ocasião, a respeitosa professora titular titular Girassol <sup>9</sup>, planejava ministrar uma aula de leitura em sala, com a intenção inicial de distribuir os livros entre os estudantes e permanecer em uma leitura silenciosa dentro de sala. Contudo, decidi compartilhar uma sugestão que, sem que eu soubesse, alteraria o curso daquela tarde de modo benéfico.

Propus, com um misto de entusiasmo e inquietação, que a aula se desenrolasse no ambiente da biblioteca escolar, considerando que o espaço é mais acolhedor e propício para leitura. Minha sugestão foi acolhida com uma surpreendente receptividade por parte de Girassol, e o que parecia uma simples ideia logo se transformou em um momento de colaboração mútua e partilha de saberes.

A transição da sala de aula para os espaços da biblioteca trouxe consigo um ar de alegria. Pois os estudantes recebiam os livros com sorrisos no rosto e, a simples mudança de cenário parecia ter desencadeado uma onda de entusiasmo contagiante, que destacou sorrisos, inclusive, de Ichigo e Ash.

Os livros, antes entregues sem grandes expectativas, agora eram compartilhados entre amigos, transformando-se em pontes de conhecimento entre os mundos individuais de cada um. À medida que as páginas eram viradas as palavras ganhavam vida juntamente a manifestação das vozes que logo preenchiam o espaço da biblioteca. A aula se transformou de um monólogo sem voz para um diálogo animado, com trocas de ideias sobre os enredos e personagens.

À medida que Ichigo, Ash e demais colegas compartilhavam suas interpretações e conexões pessoais com os textos, a aula ganhava vida própria. Os olhos brilhantes e os gestos animados de cada estudante, ilustrava a empolgação que permeava o ambiente.

Na perspectiva da minha autobiografia, destaco a tarde de segunda-feira, 24 de abril de 2023, como um lembrete vivo de que através dessas pequenas ações, eu demonstrava que a escola pode sim ser um ambiente significativamente mais acolhedor para PcD e estudantes como um todo. E considerando que a SEMED adota o Programa de Estagiário de Apoio Escolar para discentes inclusos como uma estratégia fundamental para atender à expressiva demanda educacional do Município, é importante que eu, enquanto estagiário pondere sobre quais são as melhores abordagens para trabalhar com Ichigo e Ash, mesmo diante do apoio dos professores.

---

<sup>9</sup> Uma das professoras de Língua Portuguesa da Escola que se tornou uma verdadeira parceira na minha estadia na Escola Municipal.

Nisto, reitero que nossa atuação vem se tornando cada vez mais importante e significativa dentro do contexto escolar. Pois contribui para o processo de inclusão dentro das instituições de ensino, nos tornando agentes bidocentes, que na concepção de Antunes e Pinho (2022, p.35) vem se tornando mais importante, considerando que: “A bidocência/co-ensino tem ganhado espaço em seus diversos modos, especialmente na educação inclusiva e demonstra importância perante a heterogeneidade existentes nas salas de aula [...]”.

Por meio da atuação como EAE, meu foco sempre tem sido uma busca sincera em me tornar um agente de mudança no contexto educacional inclusivo. Faço de minha trajetória um convite à reflexão sobre a importância da prática inclusiva. Em cada conquista compartilhada entre os estudantes, sentia um sentimento íntegro de gratidão por estar fazendo parte deste caminho.

Conquistei meu espaço e senso de pertencimento na Escola Municipal através da autoconfiança e observação de entrosamento entre cada membro da instituição. Ao testemunhar e descobrir talentos e potencialidades minha e de outros indivíduos, percebi o quão impactante pode ser o reconhecimento genuíno gerado por um bom direcionamento.

Através da observação e troca de conhecimentos e ideias com os professores, enriqueci as abordagens educacionais utilizadas no meu dia a dia. Essa parceria estabelecida permitia melhores direcionamentos para Ichigo e Ash na realização das atividades. Ao atuar como bidocente, é necessário estabelecer um bom relacionamento com os professores titulares em prol de um melhor processo educacional, pois como reitera Aguiar e Maia:

Incluir alunos da Educação Especial ainda é um desafio para as escolas no mundo contemporâneo, e de fato a inclusão acontece quando a escola garante o acesso e a permanência desses alunos no cotidiano escolar, favorecendo um espaço onde professores também se sintam incluídos nesse processo. (Aguiar; Maia, 2018, p. 6)

Cada desafio me ajudou a compreender a responsabilidade que carrego como EAE e a influência que minhas palavras e ações poderiam ter na construção de minha autoimagem. Tais ações reforçaram minha crença na importância de cultivar um ambiente de respeito, aceitação e valorização do diferente.

Em vista desta importante atuação, empreendo uma profunda reflexão acerca da minha trajetória de estágio na Escola Municipal, constato que minha experiência

tem sido permeada por uma série de aprendizados significativos e reveladores. A dedicação e comprometimento que realizo ao acompanhar e orientar esses indivíduos têm sido enriquecedoras, revelando facetas essenciais do meu papel como educador.

Mediante aos conhecimentos adquiridos pela formação em paralelo com as experiências adquiridas no estágio, deparei-me com a relevância primordial da minha construção de identidade como profissional. O embasamento teórico obtido no curso, aliado à vivência prática como EAE, incidiu diversas reflexões acerca do meu papel no âmbito educacional e como indivíduo que se engaja na carreira docente.

A combinação desses elementos revelou-se uma verdadeira autodescoberta, na qual pude perceber o significado intrínseco de moldar uma identidade consolidada e congruente com meus valores, crenças e aspirações profissionais. Foi através da minha atuação nos ambientes educativos, que fui capaz de evoluir na construção minha identidade, pois conforme Pooli e Ferreira destacam:

É no exercício da profissão que os pedagogos vão ajustando sua identidade, tendo como parâmetros as formulações da legislação, as certezas de sua formação e as incertezas que a realidade vai lhes impondo. (Pooli; Ferreira, 2017, p. 28)

Evidencio, nessa análise introspectiva sobre minha identidade, meu notório desenvolvimento pessoal e profissional que compartilhei com esses adolescentes. Tais interações me proporcionaram diversos momentos satisfatórios, que contribuíram para ampliar minha compreensão das nuances inerentes à educação inclusiva e ao suporte personalizado necessário para estimular o progresso e autonomia dos discentes.

Ao mergulhar nas experiências vivenciadas junto a Ichigo e Ash, posso vislumbrar claramente a relevância do conceito de empatia, considerando suas particularidades e necessidades específicas. Cada passo do percurso compartilhado com esses adolescentes permitiu-me aprimorar minha sensibilidade para identificar suas capacidades, interesses e desafios, promovendo assim, um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento.

Diante desse panorama reflexivo, percebo que meu engajamento nesse estágio tem transcendido os limites do mero exercício profissional, transformando-se em uma jornada de autodescoberta e crescimento pessoal e profissional. Ichigo e Ash se tornaram catalisadores da minha evolução contínua na perspectiva de minha

prática pedagógica, ensejando uma compreensão mais profunda da educação inclusiva pautada no respeito e valorização das singularidades de cada estudante.

Não obstante, através da abordagem autobiográfica, fui capaz de estabelecer um profundo processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, identificar-me como sujeito no contexto da minha própria história. Percebi que esta metodologia me proporcionou uma perspectiva única sobre minha trajetória de vida profissional, acadêmica e pessoal e como ela moldou quem eu sou hoje.

Esse método me conduziu até uma análise mais profunda das minhas motivações, valores e aspirações, além de favorecer uma apreciação mais ampla dos desafios que enfrentei e conquistas que alcancei. Fui capaz de identificar os aprendizados que objetivo e os momentos que mais me marcaram. Graças a minha história de formação fui capaz de me redescobrir. Nisto, trago as contribuições de Josso que implica que:

As “histórias de formação” são, sem sombra de dúvida, uma das mediações possíveis para redescobrir essas dimensões “esquecidas”, para mostrar como é que elas continuam a estar vivas dentro de nós, como alimentam o nosso “ganhar forma”, para as reinvestirmos conscientemente como tantas outras vias possíveis de interpretação da significação da nossa existência e da direção que entendemos dar à nossa busca de uma arte de viver em ligação e partilha. (Josso, 2004, p. 266)

Em vista disso, tenho a convicção de que minha caminhada pedagógica como EAE tem sido um verdadeiro privilégio. Cada passo desse caminho me trouxe desafios, superações e momentos de grande satisfação. Fortalecendo minha paixão pela educação e pelo cuidado com o desenvolvimento de cada indivíduo que se encontra no ambiente escolar para evoluir.

Conseqüentemente, sinto-me plenamente grato por todas os aprendizados que a minha trajetória acadêmica e profissional me proporcionou. As experiências vivenciadas ao longo do percurso têm sido fundamentais para o aprimoramento da minha prática pedagógica e para o fortalecimento dos laços com os membros da Escola Municipal.

Deste modo, sei que minha atuação como estagiário de apoio escolar não é apenas uma função remunerada, mas sim a continuação de um caminho que pavimento desde que comecei como educador social voluntário. Sendo assim, continuo me colocando como agente de mudança para o bem-estar e crescimento intelectual e emocional daqueles que se encontram sob minha responsabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco a importância do estágio como EAE no 8º ano do ensino fundamental como uma oportunidade valiosa para ampliar minha formação como pedagogo. Durante o curso de pedagogia, é comum o enfoque na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, o que tornou meu estágio uma experiência enriquecedora ao explorar outras séries da educação básica, ainda mais na perspectiva de trabalhar com educação especial e educação para adolescentes.

Ao vivenciar o contexto do 8º ano, acompanhando dois estudantes com TEA, pude compreender as particularidades dessa faixa etária, suas necessidades educacionais e seus processos de aprendizado. Essa experiência proporciona uma visão mais completa sobre o papel do pedagogo em diferentes etapas da educação básica.

Meu objetivo geral, que constitui em: “compreender a construção da minha identidade docente a partir das experiências de vida, de formação e de atuação como estagiário de apoio escolar no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista” foi meticulosamente entrelaçado na tessitura da minha narrativa autobiográfica. Desvendando e explorando a intrincada construção da minha identidade docente, através de cada desafio superado como EAE, cada momento de conexão, cada vitória compartilhada com os estudantes com TEA teve um papel vital na moldagem de minha visão educacional e formação da minha prática pedagógica.

O objetivo específico: “Narrar sobre minhas experiências de vida que contribuíram para construção da minha identidade docente” foi contemplado nos itens 1., 1.1. e 1.2., de modo que ao retratar as linhas do tempo da minha história pessoal, reconheço como as experiências que vivi se entrelaçaram com a paixão pelo ensino. Desde os primeiros contatos com a educação e uma PcD, até os principais desafios enfrentados como ESV no início da minha rota educacional, cada evento deixou uma marca indelével em minha busca por ser um educador autêntico e comprometido.

Ao narrar minhas próprias vivências, busquei valorizar a diversidade de atuação do educador, destacando a importância de uma formação abrangente e inclusiva. Acredito que o aprimoramento do olhar do pedagogo para diversas realidades educacionais contribui para uma prática mais efetiva e comprometida com o desenvolvimento pleno dos estudantes.

O segundo objetivo específico: “Refletir sobre as contribuições da minha formação de pedagogo e da atuação como estagiário de apoio escolar no suporte à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista para a construção da minha identidade docente”, foi alcançado nos itens 1.3., 1.4., 2., 2.2. e 2.3. De modo que minha narrativa autobiográfica se desdobra evidenciando como minha formação acadêmica em Pedagogia trouxe alicerces teóricos e ferramentas práticas que enriqueceram profundamente minha compreensão sobre o papel do educador na sociedade.

Cada disciplina, projeto de pesquisa, debate em sala de aula, visita técnica entre outros, convergiu para um aprendizado contínuo que moldou meu enfoque pedagógico. Descobri que é possível e necessário conciliar a teoria com a prática, internalizando os princípios da ética, empatia e responsabilidade que são inerentes à educação.

Foi no estágio de apoio escolar, que fui capaz de observar os frutos da minha formação serem colhidos. A imersão na realidade da inclusão de estudantes com TEA me permitiu experimentar, em primeira mão, o impacto que uma educação inclusiva pode ter na vida de indivíduos únicos. Cada interação, estratégia adaptada, obstáculo superado, contribuiu para minha evolução como educador e construção da minha identidade profissional.

As contribuições da minha graduação inicial juntamente a atuação no campo escolar se entrelaçam de maneira notável, criando uma moldura intelectual e emocional. A teoria se converge com a prática, e a sala de aula estende-se para além das paredes físicas, cativando as mentes de cada indivíduo envolvido no processo interativo do ensino-aprendizagem. É inegável que as experiências como EAE, combinadas com os conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia, se encontram harmoniosamente na sinfonia da educação.

Quanto ao último objetivo específico: “Analisar à luz das minhas percepções e vivências como estagiário de apoio escolar na escola, os processos interacionais com os demais membros da comunidade escolar, para a construção de práticas educacionais inclusivas.”, é honrado nos itens: 2., 2.2. e 2.3. Ao estabelecer esse propósito, o capítulo 2. tornou-se uma janela para visualizar momentos transformadores que moldaram minha visão e abordagens educativas que buscam a construção de práticas educacionais inclusivas.

No meu papel como EAE, eu estabeleci conexões com os vários membros da comunidade escolar, em um relacionamento pautado no respeito mútuo, consideração e apoio. De forma que a equipe escolar colaborava com troca de ideias e saberes para lidar com as demandas da realidade multifacetada que permeiam um ambiente escolar inclusivo.

Os diálogos com os professores e equipe pedagógica, revelaram a importância de uma parceria fortalecida entre os envolvidos no processo educativo. As várias sugestões e diálogos com eles, traziam à tona não apenas os desafios enfrentados diariamente, mas também estratégias inovadoras e visões únicas sobre como trabalhar a inclusão. De forma que cada troca de ideia representa um passo certo em direção a uma compreensão mais ampla, valorizando cada voz.

Ao analisar os processos interacionais sob a luz das minhas percepções e vivências, manifesta-se um retrato complexo de uma comunidade escolar que buscou, com minhas contribuições, práticas educacionais que buscam, de fato, a inclusão. Minha narrativa autobiográfica destaca minha dedicação em moldar um ambiente aonde o diferente é valorizado, e todos estudantes devem ser respeitados, capacitados a alcançarem seu pleno potencial.

Ao percorrer as páginas desta narrativa autobiográfica, é com imensa gratidão que testemunho a realização plena dos objetivos traçados para esta jornada de reflexão. Cada memória revisitada, foi um passo direcionado à construção intrincada da minha identidade profissional, especialmente como EAE. Afirmando que, graças aos objetivos delineados, que minha identidade docente floresceu e amadureceu ao longo deste percurso autobiográfico.

Através da autodescoberta, impulsionada pelas reflexões, resultou em uma compreensão mais profunda do meu papel como educador e da minha responsabilidade em criar um ambiente educacional enriquecedor para todos, independente de suas necessidades individuais.

Não obstante, considerando os estudos realizados sobre Nóvoa (1992; 2017; 2019); Josso (2004; 2007); Pinto (2006), e outros autores importantes, foi verificado a importância do método autobiográfico para evidenciar como a escrita da própria história permite ao educador refletir sobre como ser mais consciente de si mesmo e alinhar sua essência pedagógica.

Além disso, a reflexão sobre e a formação de professores e pedagogos destes autores também trazem importantes olhares sobre a importância de uma formação

que valorize a dimensão humana do educador, bem como o entendimento da prática pedagógica como uma construção contínua e reflexiva. Desta forma, a revisão bibliográfica realizada durante esta monografia correspondeu às expectativas para análise das problemáticas apontadas.

A pesquisa realizada trouxe uma visão sobre como a autobiografia e formação de professores são importantes para a construção do conhecimento pedagógico. Os estudos revelaram como o método autobiográfico pode ser uma ferramenta poderosa para promover a integração entre teoria e prática na formação da identidade docente, fomentando um diálogo constante entre as vivências pessoais e reflexões teóricas.

Assim, com minhas reflexões alinhadas aos fundamentos teóricos dos autores pesquisados, minha pesquisa alcançou os objetivos gerais e específicos propostos, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre a construção da minha identidade como educador e sobre a importância da atuação inclusiva nos anos finais do Ensino Fundamental.

Reforço que, embora os objetivos do meu trabalho tenham sido alcançados, fica evidente que a trajetória rumo a educação inclusiva ainda é um desafio contínuo e necessário. É fundamental que a luta pela inclusão se mantenha viva, buscando constantemente promover ambientes educacionais mais acolhedores e acessíveis para todos os estudantes, inclusive PcD.

Valorizar o papel do profissional bi-docente e de apoio escolar aos estudantes inclusos é um aspecto vital para o avanço da inclusão na educação básica. Reconhecer a importância destes profissionais e oferecer o devido suporte e capacitação são medidas essenciais para garantir a efetividade da inclusão e proporcionar uma educação de qualidade para todos.

Além disso, é relevante ressaltar a reflexão sobre o curso de pedagogia, de modo que ele possa contemplar mais áreas e modalidades da educação. Um currículo mais abrangente e diversificado permitirá que os futuros pedagogos estejam mais preparados para atuar em diferentes contextos educacionais, aplicando sua capacidade de promover práticas pedagógicas inclusivas e de qualidade.

Não obstante, acredito firmemente que a contínua dedicação à valorização da inclusão e a busca pelo aperfeiçoamento da formação pedagógica são essências para uma educação que atenda as demandas da sociedade, de forma que essa educação respeite as singularidades de cada estudante e proporcione a todos as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

A busca para compreender como as experiências de vida, a formação e atuação como EAE podem convergir para moldar uma identidade pedagógica autêntica assume um papel de destaque em um cenário onde a diversidade e a inclusão são cada vez mais valorizadas. Esta pesquisa oferece um vislumbre dos caminhos que os educadores podem percorrer para se tornarem agentes de mudança, catalisando uma transformação genuína nas práticas educacionais e na mentalidade da sociedade como um todo.

Além disso, refletir sobre as contribuições da formação acadêmica e das minhas interações com a comunidade escolar na construção de práticas educacionais mais inclusivas, deixa evidente que essa pesquisa narrativa autobiográfica se insere em um contexto científico que está em constante evolução. Ela não apenas adiciona à base de conhecimento existente, como também lança um convite para a exploração mais aprofundada das interações e reflexões que molda a construção da identidade profissional.

Não obstante, é importante ressaltar que essa pesquisa é apenas parte de um vasto mosaico educacional. Outros temas podem se relacionar com minha pesquisa, como a adaptação curricular, a promoção de ambientes de aprendizagem acessíveis, a formação continuada de profissionais de licenciatura, a colaboração entre profissionais de áreas diferentes entre outros. Temas que têm o potencial de contribuir significativamente para a melhoria da educação na perspectiva inclusiva.

Esta pesquisa torna-se um ponto de partida. Ela convida futuros pesquisadores e educadores a explorar novos temas em maior profundidade, analisando uma maior compreensão sobre como construir um sistema educacional que valorize e reconheça as potencialidades únicas de cada discente, independentemente de suas necessidades.

Assim, vislumbro um futuro promissor, onde a educação inclusiva seja uma realidade inquestionável, e onde cada indivíduo, independentemente de suas características, possa trilhar seu caminho de aprendizagem com dignidade, respeito e plenitude.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. ; MAIA, M. V. C. M. **“O grande desafio é educar para a diversidade”:** **inclusão aos olhos de uma bidocente.** In: Anais do 8º Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2018, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/trabalhos/o-grande-desafio-e-educar-para-a-diversidade-inclusao-aos-olhos-de-uma-bidocente?lang=pt-br>> Acesso em: jul. 2023.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação. **Referencial Curricular Amazonense.** Manaus: SEDUC, 2020. Disponível em: <[efaidnbmnnnibpcjpcglclefindmkaj/https://anec.org.br/wp-content/uploads/2021/05/RCA-Ensino-Medio.pdf](https://anec.org.br/wp-content/uploads/2021/05/RCA-Ensino-Medio.pdf)>. Acesso em: jun. 2023.

ANTUNES, A. L.; PINHO, L. M. **A experiência da bidocência na Educação de Surdos.** Revista Aleph, Niterói, v.2, Outubro. 2022, nº Especial, p.31-45. Disponível em:<<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/50007/33020>>. Acesso em: jul. 2023.

BARBOSA, A. K. G.; BEZERRA, T. M. C. **Educação Inclusiva: reflexões sobre a escola e a formação docente.** Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–11, 2021. Disponível em:<<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5871>>. Acesso em: jun. 2023.

BEZERRA. **A política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: a problemática do profissional de apoio à inclusão escolar como um de seus efeitos.** Revista Bras. Ed. Esp., Bauru, v.26, n.4, p.673-688, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/B8T8rMXW8BzMJnNq5JBsXqK/>>. Acesso em: jul. 2023.

BRAGANÇA, I. F. S. História de vida nas ciências humanas e sociais: caminhos, definições e interfaces. In: Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, pp. 37-57. ISBN: 978-85-7511-469-8. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>>. Acesso em: jul. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 1, de 15 de maio de 2006. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia.** Autor: Edson de Oliveira Nunes. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 de maio de 2006. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12762](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12762)>. Acesso em: jul. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 2019. Seção 1, p.

129. Disponível em: <<https://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>>. Acesso em: jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência.) Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: jun. 2023.

CALÇA, K. G. et al. **Unemployment and entrepreneurship in the covid-19 pandemic and its effects on Brazilian society**. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 15, Edição Especial Engema/ECOINOVAR, p. 743-759, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reaufsm/a/Sp3VL5xFM4Whg78gbvZyQXp/?lang=en>>. Acesso em: ago. 2023.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Câmara Legislativa do Distrito Federal. (2004). **Lei nº 3.506, de 24 de junho de 2004**. Tribunal de Contas do Distrito Federal. Disponível em: <[http://www.tc.df.gov.br/sinj/Norma/51439/Lei\\_3506\\_2004.html](http://www.tc.df.gov.br/sinj/Norma/51439/Lei_3506_2004.html)>. Acesso em: jun. 2023.>

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas inclusivas educativas na escola e na família**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2017. Disponível em: <[https://www.google.com.br/books/edition/Autismo\\_e\\_Inclus%C3%A3o/PrT1DwAAQB-AJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Autismo_e_Inclus%C3%A3o/PrT1DwAAQB-AJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover)>. Acesso em: jun. 2023.

DURKHEM, Émile. **Lições de sociologia** / Émile Durkheim: introdução à edição brasileira Oliveiros S. Ferreira; introdução Georges Davy; tradução Monica Stahel. - 2ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

FERREIRA, W. B. ENTENTENDO A DISCRIMINAÇÃO CONTRA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA. *In: Tornar a educação inclusiva*. FÁVERO, O.; FERREIRA, W. B.; IRELAND, T.; BARREIROS, D. (org.). Tornar a educação inclusiva. Brasília, DF: UNESCO, p. 11-23, 2009. Disponível

em: <[https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/educacao\\_inclusiva/educacao\\_inclusiva\\_unesco\\_2009.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/educacao_inclusiva/educacao_inclusiva_unesco_2009.pdf)>. Acesso em: jun. 2023.

FRANCO, M. A. S. **Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.1, p. 109-126, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28079>>. Acesso em: jun. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Editora Paz e Terra. 23ª ed. 1970

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** Editora Paz e Terra. 25ª ed. 1996

Governo do Distrito Federal. (2015). **Decreto nº 37.010, de 23 de dezembro de 2015.** Sistema de Informações Legislativas do Distrito Federal. Disponível em: <[https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/3f46a18cebd04f5a8f3cee1bb864e7bd/Decreto\\_37010\\_23\\_12\\_2015.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/3f46a18cebd04f5a8f3cee1bb864e7bd/Decreto_37010_23_12_2015.html)>. Acesso em: jun. 2023.

JEFFREY, D. **Empathy, sympathy and compassion in healthcare: is there a problem? Is there a difference? Does it matter?** Journal of the Royal Society of Medicine; vol. 109 (12), p. 446-452, 2016. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/0141076816680120>>. Acesso em jun. 2023.

JOFRE, J. M. **O cuidado de si no contexto da educação especial.** Linha Mestra, n. 37, p.25-30, jan. 2019. Disponível em: <<https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/viewFile/179/220>>. Acesso em: jun. 2023.

JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Educação, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 413-438, set. 2007. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf)>. Acesso em: jul. 2023.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo; Cortez, 2004.

Lei nº 2.000, de 24 de junho de 2015. Aprova o plano Municipal de Educação do Município de Manaus e dá outras providências. Leis Municipais, Manaus, AM. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/lei-ordinaria/2015/200/2000/lei-ordinaria-n-2000-2015-aprova-o-plano-municipal-de-educacao-do-municipio-de-manaus-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: jun. 2023

Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm)>. Acesso em: jun. 2023.

MANAUS. Universidade do Estado do Amazonas. **Pedagogia – graduação – licenciatura**. 2023. Disponível em: <<https://cursos2.uea.edu.br/index.php?dest=info&curso=86>>. Acesso em: jun. 2023.

MANAUS. Secretaria Municipal de Educação. **Atribuições do mediador escolar**. Gerência de Educação Especial, 2022. Disponível em: <<https://semed.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/ITEM-3....-Atribui%C3%A7%C3%B5es-Estagiario.pdf>>. Acesso em: jun. 2023.

MARQUES, L. P. **Cotidiano Escolar e Diferenças**. Educação e foco, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 101-117, jun. 2012. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/pt/revista/educacao-em-foco-juiz-de-fora/articulo/cotidiano-escolar-e-diferencas>>. Acesso em: jun. 2023

MONÇÃO, M. A. G. **Cenas do cotidiano na Educação Infantil: desafios da integração entre cuidado e educação**. Educ. Pesquisa, São Paulo, v. 43, n.1, p.161-176, 2017. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ep/a/cZL7VJDCJQQnL8rHP6Z3kBF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em jun. 2023.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33. Disponível em:<<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>>. Acesso em: jul. 2023

NÓVOA, A. **O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar**. Revista contemporânea de Educação, v. 14, n. 29, jan/abril. 2019. Disponível em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/21710/0>>. Acesso em: jul. 2023.

NÓVOA, A. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>>. Acesso em: jun. 2023.

NÓVOA, A.; VIEIRA, P. **Um alfabeto de formação de professores**. Crítica Educativa, São Paulo, v. 3, n. 2 - Especial, p. 21-49, 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/319856106\\_Um\\_alfabeto\\_da\\_formacao\\_d\\_e\\_professores](https://www.researchgate.net/publication/319856106_Um_alfabeto_da_formacao_d_e_professores)>. Acesso em: jun. 2023.

NUNES, Adriana Pereira et al. **O papel do profissional de apoio escolar na inclusão escolar de alunos com deficiência**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 26, n. 1, p. 27-40, jan./mar. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382020000100027&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382020000100027&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: jun. 2023.

OLIVEIRA, M. A. et al. **Cuidar e Educar: o sujeito em constituição e o papel do educador**. rev. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/dD9SFJKWFqd9sZVc4pyT7vb/?lang=pt>>. Acesso em: jun. 2023

PASSOS, I. M. *et al.* **Percepção do ensino remoto emergencial por discentes em uma escola de ensino superior de saúde**. Revista Brasileira de Educação Médica, 47 (1) : e031, 2023. Disponível em:<

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/DsbpmD5PJvN8PNLQPscnqbq/?lang=pt>. Acesso em: jul. 2023.

PINTO, U. A. **Pedagogia e Pedagogos Escolares**. 2006, 184 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Pedagogia 2/tpedagogo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia%20tpedagogo.pdf)>. Acesso em: jun. 2023.

PLETSCH, M. D. **Educação Especial e Inclusão Escolar – Reflexões sobre o fazer pedagógico**. EDUR - UFRJ, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<https://r1.ufrj.br/im/oeies/wp-content/uploads/2015/03/Livro-Educa%C3%A7%C3%A3o-Especial-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>>. Acesso em: jun. 2023.

POOLI, J. P; FERREIRA, V. M. R. **Pedagogos construindo suas identidades: entre adscrição e escolhas**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n.1, p.19-37, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/zmSqjyP7HfB8F6XxcLL8LNN/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2023.

RANYERE, J.; MATIAS, N. C. F. **A Relação com o Saber nas Atividades Lúdicas Escolares**. Psicologia: Ciência e Profissão 2023, v. 43, Psicologia: Ciência e Profissão 2023 v. 43, e252545, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252545>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/bFV4Q6cZKzTJLhhmyBP3PYp/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2023

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. David Rodrigues (org.). – São Paulo: Summus, 2006.

SALINO, A. V.; RIBEIRO, G. M. A. **Análise da oferta de hospitais e leitos hospitalares no estado do Amazonas ante a pandemia da covid-19**. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 47, n. 136, p. 200-214, jan-mar. 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/w97BC7bqpRTNHQDtgYtk6XK/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2023.

SANTOS, D. S. *et al.* **Impactos emocionais e fisiológicos do isolamento durante a pandemia de COVID-19**. Enfermería Actual en Costa Rica, (40) 75-90, DOI: 10.15517/revenf.v0i40.41929, 2021. Disponível em: <[https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-45682021000100001&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-45682021000100001&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: jun. 2023.

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. (s.d.). **Bem-vindo à página do Educador Social Voluntário**. Educador Social Voluntário. Disponível em: <<https://educadorsocialvoluntario.se.df.gov.br/bem-vindo>>. Acesso em: jun. 2023.

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. (s.d.). **Educação Especial**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.educacao.df.gov.br/educacao-especial-2/#:~:text=Centro%20de%20Ensino%20Especial,->>

O%20Centro%20de&text=%C3%89%20definido%20como%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20presen%C3%A7a%20de%20profissionais%20qualificados>. Acesso em: jun. 2023.

Universidade do Estado do Amazonas. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2021.

THOMÉ, L. D. *et al.* **O desafio de conciliar trabalho e escola: características sociodemográficas de jovens trabalhadores e não-trabalhadores**. *Psic.: Teor. E Pesq.*, Brasília, vol. 32, n.1 , p. 101-109, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/nL5XDyQS349gyGSskkBWTtF/>>. Acesso em: ago. 2023.

VERGARA, D. V. *et al.* **Rol de la Familia em el Compromiso Escolar Desde la Perspectiva de Estudiantes con Necesidades Educativas Especiales**. *Ver. Bras. Ed. Esp.*, Corumbá, v. 28, e0120, p. 263-280, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/tgJF7KqmjmktSd5D35HpQNJ/?lang=es#>>. Acesso em: jun. 2023.

VIGOTSKII, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. -11ª edição - São Paulo: ícone, 2010.

WIERCINSKI, G. PESQUISA AUTO-BIOGRÁFICA: UMA INTRODUÇÃO METODOLÓGICA. **Salão do Conhecimento**, [S. l.], v. 2, n. 01, 2014. Disponível em:<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/articloe/view/3474>. Acesso em: ago. 2023.